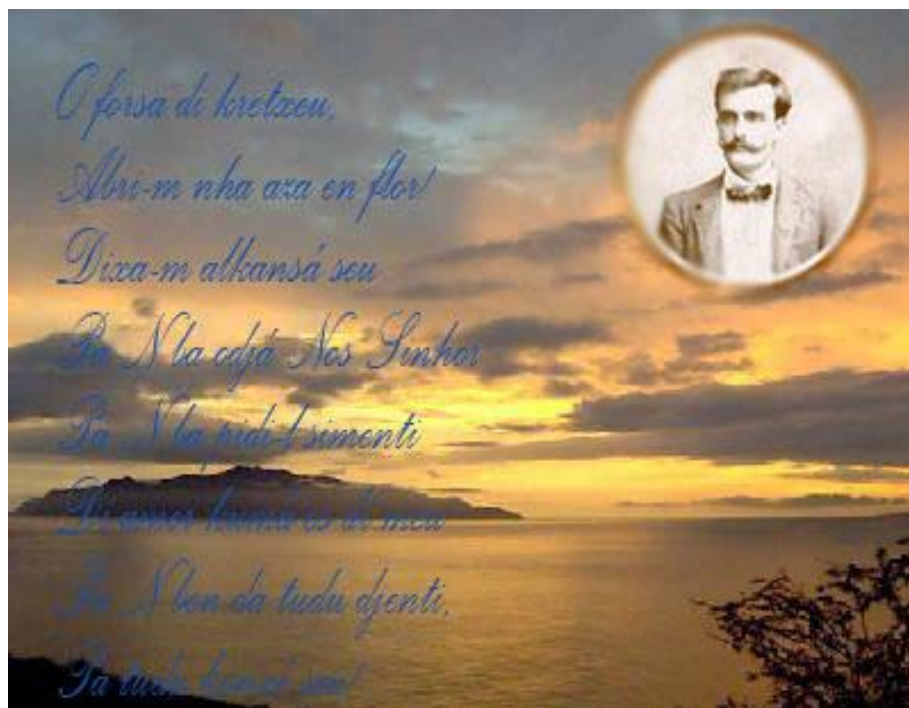


VIRGÍLIO LOPES PIRES



*Subsídios Para o Estudo do Crioulo da
Brava*

(De Eugénio Tavares à Actualidade)

Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

ISE / 2006

VIRGÍLIO LOPES PIRES

*Subsídios Para o Estudo do Crioulo da Brava
(De Eugénio Tavares à Actualidade)*

“Trabalho científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciado em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, sob orientação da Mestre Dra. Maria de Lourdes Lima”.

“O júri”

Local: _____ Data: ___/___/___

Agradecimento

Em primeiro lugar agradeço a Deus por tudo o que tem feito por mim, pelas energias concedidas para levar a cabo este projecto. Agradeço à minha esposa Eliza pelo apoio moral, emocional e pelas horas que esteve ao meu lado. A meus Pais por todo o apoio que me deram; aos meus irmãos, especialmente Pépé, Candinha e Zuleica. Às famílias Moreira e Rosa muito obrigado, que Deus vos abençoe ricamente. Agradeço também ao colega Roberto e a minha orientadora pela atenção dispensada.

De um modo geral, agradeço a todos quantos de forma directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade.

Muito Obrigado!

“No mundo há muitas línguas diferentes,
mas cada uma faz sentido.”

I Coríntios 14:10 *in* Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. Objectivos	9
2. Metodologia	9
CAPÍTULO I – A ILHA BRAVA (UM OLHAR HISTÓRICO)	12
CAPÍTULO II – O CRIOULO EM EUGÉNIO TAVARES	14
1. O poeta do crioulo da Brava	14
2. Textos crioulos de Eugénio Tavares e o ALUPEC	16
3. Estruturas morfológicas do crioulo nos textos de Eugénio Tavares	18
4. Análise das estruturas morfológicas	19
4.1. O caso da acentuação	19
4.2. O caso da grafia	21
4.3. O caso da colocação dos pronomes (pessoal e sob forma de complemento)	22
4.4. Reflexão sobre as propostas de escrita	23
CAPÍTULO III – AMERICANISMOS NO CRIOULO DA BRAVA	27
1. Enquadramento teórico	27
2. Palavras com étimo no inglês americano	28
3. Processos morfológicos inerentes à formação das palavras	29
3.1 Análise das palavras	30
3.2 Casos de paragoge	40
3.3 Casos apenas de regularização morfológica	41
3.4 O crioulo como reflexo da história bravense	42
CAPÍTULO IV – REFLESAN SOBRI SKRITA DI KRIOLU	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA	57
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

Face às conjunturas sociais implicadas na formação dos crioulos, muitos estudiosos abordam a problemática da sua génese apontando várias teorias para explicar a sua origem. Muitas são as aceções atribuídas ao termo crioulo. Para uns o termo deriva da palavra *criar*, outros defendem que proveio de *criadouro*, outros registam-no para designar os filhos de pais europeus nascidos noutros continentes ou negro natural da América. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa o termo crioulo deriva de *criar* e constitui *um sistema linguístico resultante do contacto da língua dum povo colonizador com as línguas das populações autóctones, tornando língua materna de uma comunidade*¹. Como língua, diversas são as teorias que procuram abordar as raízes genéticas do crioulo. De entre essas teorias destacam-se a monogenética e as qualificadas de poligenéticas (afrogénese, eurogénese e a sociogénese). A neurogénese é também uma teoria, de carácter universalista, baseada na gramática inata de Chomsky.

A ideia de que todos os crioulos, inclusive o de Cabo Verde, têm um tronco comum, ou seja, um pidgin de base portuguesa que por sua vez teve origem num outro pidgin oriundo do Mediterrâneo Oriental, é proposta pelos defensores da teoria monogenética. As teorias poligenéticas geram desacordos entre os estudiosos pelo facto de apresentarem a supremacia racial na formação da língua crioula. Os próprios nomes dessas teorias indicam o que foi dito. A eurogénese classifica os crioulos como sendo filhas das línguas europeias utilizadas pelos dominadores europeus. Esta teoria põe à tónica no processo de simplificação, pois os seus proponentes, tais como Félix Prudent, Albert Waldman e Robert Chaudenson, alegam que a complexidade da língua mãe (língua europeia) excedia a capacidade dos negros e daí resultar o processo de simplificação. Do outro lado e opondo-se a esta teoria está a afrogénese que também valoriza uma raça, neste caso a negra, situando a origem do crioulo como sendo resultante das línguas africanas. Como quem quer agradar tanto a gregos como a troianos, está a teoria da sociogénese, apresentando uma visão científica que parece harmonizar as teorias atrás referidas. Esta defende que a génese do crioulo é resultante de uma interpenetração racial e cultural, entre o europeu e o africano. A neurogénese, tendo como elemento básico o

¹ Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Volume I. Lisboa. Verbo. 2001.

inatismo, defende que a raça humana predispõe de universais linguísticos o que lhe dá a capacidade da linguagem. Neste caso a origem dos crioulos, também o de Cabo Verde, é fruto dessa capacidade inata do homem.

Como se pode ver várias são as teorias que buscam explicar a origem dos crioulos e não há unanimidade entre os seus defensores. Fica-se, pois, com a opinião do linguista Manuel Veiga quando diz: *a tese que nos parece válida é aquela que coloca o nascimento do crioulo (o nosso) em Cabo Verde e o vê como resultado de uma dialéctica, num contexto plurilinguístico, em que o sistema, para o caso dos escravos, não era unitário, em parte por causa da diversidade étnica, prevalecendo no entanto uma premente necessidade de comunicação, tanto do ponto de vista social, económico, como cultural* (Veiga, 1996: 22). Essa necessidade de comunicação fez com que houvesse a dialéctica ou a tal interpenetração social e cultural, resultando o crioulo de Cabo Verde.

Hoje, devido às características peculiares que o crioulo apresenta de ilha para ilha, os linguistas sentem a necessidade de subdividir o crioulo cabo-verdiano. Para Baltasar Lopes *o crioulo de Cabo Verde distribui-se em dois grupos maiores: o de Barlavento (Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Boa Vista e Sal) e o de Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava)* (Silva, 1984:35). Essa divisão é feita tendo em conta as similitudes fonético-fonológicas existentes entre as ilhas de Barlavento, por um lado, e entre as de Sotavento, por outro lado. Essa divisão não é estanque, pois o crioulo apresenta determinadas peculiaridades que vai de ilha para ilha. O título escolhido para este trabalho, “Subsídios para o Estudo do Crioulo da Brava” dá conta deste facto, pois a ilha Brava, embora esteja enquadrada *no grupo de Sotavento*, manifesta especificidades que o torna singular.

No século XIX Eugénio Tavares, consciente ou inconscientemente, demonstrou algumas particularidades inerentes ao crioulo da Brava mediante a sua escrita, sobretudo no que tange ao aspecto fonológico. Mais tarde, ou seja, em 1975 Deirdre Meintel traz à lume um estudo sobre o crioulo falado na Brava, frisando entre outros aspectos, as particularidades intrínsecas à componente lexical. Numa época em que muito se fala da valorização do crioulo como elemento substancial da identidade nacional, valorização essa que passa, segundo os mais entendidos, pela padronização de um alfabeto para a sua escrita e sua conseqüente oficialização, torna-se necessário reflectir sobre aspectos que giram em torno do crioulo. Portanto, o trabalho a ser desenvolvido rege-se pelas linhas de ideias expostas acima e estas constituem a razão de se ter escolhido trabalhar o já referido tema que se desdobra em três capítulos importantes: o crioulo em Eugénio Tavares e os americanismos no crioulo da Brava,

títulos do II e III capítulos respectivamente. Estes dois capítulos abordam, sobretudo, aspectos lexicais inerentes ao crioulo da Brava, fazendo uma abordagem analítica do crioulo escrito em Eugénio Tavares, incide sobre a parte lexical, pondo tónica nas entradas lexicais, o caso das palavras derivadas do inglês americano. O IV capítulo, *Reflesan sobri skrita di kriolu*, surge pelas razões que já se referiu nas linhas antecedentes; reflecte sobre a escrita do crioulo face às conjunturas actuais.

As linhas mestras deste trabalho são regidas pelos seguintes objectivos:

Objectivos:

- Promover e valorizar a língua crioula, tendo em conta que ela constitui um elemento indispensável da identidade nacional e é língua materna em Cabo Verde;
- Contribuir para o fortalecimento do crioulo, pois o estatuto que lhe é conferido coloca-o numa posição marginalizada, pois está excluído de todos os domínios geradores de prestígio, como a escola, a administração, os tribunais, etc.
- Fomentar o crioulo da Brava como uma variedade do tecido maior – o crioulo de Cabo Verde;
- Ver alguns traços característicos da escrita preconizada por Eugénio Tavares durante o século XIX;
- Evidenciar a pertinência da escrita de Tavares, tendo em conta a proposta recomendada pelo ALUPEC;
- Explorar o léxico do crioulo da Brava, no que ele tem de mais característico;
- Promover a escrita do crioulo, usando o ALUPEC como instrumento para escrever o crioulo neste trabalho;
- Demonstrar a funcionalidade e a economia linguísticas, princípios pelo que rege o ALUPEC;
- Reflectir sobre a escrita do crioulo no panorama linguístico nacional.

Metodologia:

Pela natureza do trabalho optou-se por uma metodologia que consiste em dois momentos: o levantamento bibliográfico e a recolha de dados junto dos informantes bravenses. Para o primeiro caso, a pesquisa bibliográfica, é sabido que o crioulo da Brava dispõe de poucas referências bibliográficas especializadas, salvo os estudos feitos por Deirdre Meintel, “The Creole Dialect of the Island of Brava” e o estudo realizado por Marlise Baptista, este uma tese de doutoramento. Mas já para o suporte teórico recorreremos,

essencialmente, à bibliografia de autores consagrados que versam sobre o crioulo de Cabo Verde e outros títulos de carácter teórico, como por exemplo: *Dicionário de Didáctica das Línguas* de Coste e Galisson, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* de Hub Faria, *Introdução à Linguística Descritiva* de Gleason, *Dicionário das Ciências da Linguagem* de Ducrot e Todorov, entre outros.

Visto que este trabalho pretende debruçar-se sobre o crioulo da Brava numa perspectiva funcional, a recolha de dados seria um aspecto importante no mesmo. Essa recolha de informações efectuou-se em dois momentos, tendo em conta os aspectos a tratar no trabalho: primeiro fez-se algumas entrevistas de carácter livre, pois não se usou nenhum modelo pré-estipulado para isso, alegando o facto de que por se tratar de um assunto tão delicado como seja a língua o melhor é deixar com que as pessoas falassem de forma espontânea por forma a produzir um material fiável e que desse conta do vernáculo, algo que se consegue mediante situações naturais de comunicação. A recolha que se fez mediante as entrevistas foi registada em gravações, utilizando um aparelho gravador muito discreto, e no final da gravação o informante é informado sobre o material gravado e dá o seu parecer sobre o uso ou não do material, permitindo a utilização do mesmo no trabalho. As entrevistas foram efectuadas *in loco*, ou seja, na Brava, por vezes de forma individual outras vezes em grupo, pelo que o número de informantes gravados é de dezassete pessoas. Nesse grupo há algumas variáveis importantes, pois entrevistou-se doze pessoas do sexo feminino e cinco do sexo masculino; esse grupo subdivide-se em pessoas alfabetizadas (aquelas com graus académicos que vão desde o ensino primário até ao nível médio) e as não alfabetizadas (pessoas consideradas analfabetas, por não disporem de nenhuma instrução escolar); as que já foram emigrantes ou mantêm relações estreitas com emigrantes e as que não foram emigrantes e têm poucas ou nenhuma relação com pessoas emigradas. Os informantes entrevistados residem em zonas como Chã-de-Sousa, Tomé Barras, Clara Gonçalves, Nossa Senhora do Monte, Vila Nova Sintra, Furna, Achada Candinha, Laranjeira. Algumas gravações foram feitas na zona de residência dos informantes, mas outras, por razões várias foram gravadas fora de suas residências. A faixa etária dos informantes não foi preestabelecida, pois o objectivo não é estudar o crioulo numa determinada faixa de idade, mas a gravação deu-se em pessoas com idade compreendidas entre os dezassete aos oitenta anos.

O segundo momento em que se efectuou a recolha de dados consiste na aplicação de um questionário que teve por finalidade abordar aspectos inerentes à escrita do crioulo. Esse minúsculo questionário, diz-se minúsculo, pois não tem grande envolvimento no trabalho,

permite apenas a constatação de alguns dados escritos. O questionário, constituído por dose questões em que a parte fundamental consiste em pôr os informantes em situação de escrita de crioulo, foi efectuado com vinte informantes, uns com residência permanente na Brava e outros que, por motivos pessoais, saem da Brava. O grupo questionado é constituído por oito informantes de sexo masculino e doze de sexo feminino, com idade compreendida entre os dezassete aos 35 anos. Esses informantes são alunos do 2º e 3º ciclos do ensino secundário do liceu Eugénio Tavares, alguns alunos da Brava em formação no ISE e professores do ensino básico com e sem formação média. Os informantes residem nas zonas de Brianga, Laranjeira, Cova de Joana, Furna, Tomé Barras, Palmarejo (residência em tempo de estudo), Mato Grande, Vila Nova Sintra, Campo Baixo, Nossa Senhora do Monte e Pau. O facto de alguns informantes residirem por algum tempo na Praia (tempo de estudo) permitiu que alguns questionários fossem preenchidos na Praia e os restantes na Brava. O questionário foi realizado sob forma de escrita, pois o objectivo é, acima de tudo, colocar os informantes em situações de escrita, pelo que os informantes são todas pessoas alfabetizadas. Além da recolha bibliográfica, essas foram as formas usadas para recolher o material linguístico desejado para posterior análise no trabalho.

Este trabalho, como o próprio nome indica, é uma contribuição para o estudo do crioulo da Brava e aborda, principalmente, o lado funcional do crioulo falado na Brava, pelo que o conteúdo do mesmo se divide em três grandes aspectos: o crioulo em Eugénio Tavares, os americanismos no crioulo da Brava e uma reflexão sobre a escrita do crioulo. Espera-se que este trabalho não venha a ser somente o cumprimento de uma exigência curricular, mas que desperte a curiosidade dos leitores, levando-os a embarcar em projectos semelhantes, contribuindo para o desenvolvimento da linguística caboverdiana.

CAPÍTULO I
A ILHA BRAVA
(UM OLHAR HISTÓRICO)

A ilha da Brava fica situada no Sudeste extremo do grupo de sotavento do Arquipélago de Cabo Verde; tem o *comprimento máximo de 10500 m, a sua largura é de 9310 m, a sua superfície é de 64 km², a sua altitude é de 976 m*, (Amaral in HGCV, 2001:2) tendo como ponto mais alto o pico das Fontainhas. Brava é a menor ilha de Cabo Verde, com a excepção da de Santa Luzia. É também uma das mais montanhosas, apresentando um relevo muito acidentado, caracterizado por vales profundos e escarpados, Devido à sua altitude, Brava é uma das ilhas mais húmidas e devido à sua abundância de flores é conhecida como ilha das flores pela abundância e diversidade de espécies que dispõe.

De acordo com a História Geral de Cabo Verde, *a data ou datas do achamento das diversas ilhas e os nomes dos navegadores que, no século XV, pela primeira vez a elas aportaram são problemas que não-de continuar a gerar largas e talvez já inúteis controvérsias*. Mas de acordo com a *carta de doação de 29 de Outubro de 1462 Diogo Afonso, escudeiro de D. Fernando, terá sido o descobridor da ilha Brava* (Albuquerque in HGCV, 2001:38). A descoberta das ilhas, inclusive a ilha Brava, é uma matéria que gera alguma discussão entre os historiadores, assim como o povoamento dalgumas ilhas. De acordo com os historiadores as primeiras ilhas a serem povoadas foram as de Santiago e Fogo, logo nos anos que seguiram o descobrimento, mas já para as restantes ilhas o processo foi mais moroso. Segundo a História Geral de Cabo Verde *é verdade que as restantes ilhas do arquipélago só tardiamente iriam ser povoadas (do século XVII em diante), embora tivessem sido aproveitadas* (Baleno in HGCV, 2001:146). Este facto demonstra que o povoamento da ilha Brava só começou a ganhar maiores contornos a partir do século XVII, pois em 1680 deu-se um *tremor de terra e saída de lavas no Fogo, seguidos de esterilidade, que levou muita gente a transferir para a Brava*.

Segundo Medina dos Santos citado por Carreira, os *navios de baleia... passaram a vir pescar para os mares do arquipélago, faziam aguada e os fornecimentos de frescos, especialmente na ilha Brava. ...Os capitães daqueles navios passaram também a contratar homens para trancadores de baleias, facto que teve repercussão na tradição da história das ilhas* (Carreira, 1983:66-67). Isso fez com que o homem bravense despontasse muito cedo para a emigração através dos baleeiros vindos dos Estados Unidos da América que paravam na ilha para abastecer, recrutando homens conhecidos como sendo excelentes marinheiros para prestar ofícios a bordo dos barcos.

Mediante a embarcação nesses navios o homem bravense, a pouco e pouco, foi fixando residência em terras americanas, pelo que ainda hoje há uma grande comunidade de emigrantes nos EUA, sobretudo em New Bedford, Boston e Pawtucket. A economia da ilha centra-se na agricultura e na pesca, que constituem actividades económicas importantíssimas para a população local, tendo em conta que é uma ilha vocacionada para a agricultura e possui muitas baías direccionadas para a actividade piscatória. A isso junta-se ainda as remessas de dinheiro e víveres dos emigrantes nos Estados Unidos da América para os seus familiares e amigos na Brava.

Brava também é conhecida como a ilha de “Nhô Tatai”, um nome famoso na música e na poesia cabo-verdianas. Considerado como um dos grandes vultos da literatura cabo-verdiana destacou-se ainda mais pela sua mestria em escrever tanto em português como na língua materna – o crioulo. À semelhança das outras ilhas a língua falada na Brava é o crioulo. O crioulo falado na Brava, como já se referiu, enquadra-se no chamado *grupo de Sotavento*, no entanto possui características próprias, sobretudo na componente fonética. Essa diferença manifesta-se na locução dos falantes bravenses, aspecto saliente nos textos crioulos de Eugénio Tavares, pois apresentam particularidades gráficas que merecem atenção. Estas serão tratadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II

O CRIOULO EM EUGÉNIO TAVARES

1 - O poeta do crioulo da Brava

Numa placa afixada num dos lados do coreto da Praça Eugénio Tavares, na ilha Brava, existe uma inscrição que diz o seguinte: *Lá nos confins siderais brilham astros singulares mas na terra um brilhou mais, para sempre: Eugénio Tavares*. Quando, a dezoito de Outubro de 1867, nasceu na ilha Brava um indivíduo do sexo masculino ao qual foi posto o nome de Eugénio Tavares não se imaginava que ele viria a ter tanto brilho, a ponto de o seu nome ser imortalizado no mundo das letras. O seu nome Eu/génio predizia aquilo que ele viria a ser – um génio da literatura cabo-verdiana.

Eugénio Tavares não foi além da instrução primária, pois na altura apenas existia na ilha Brava a escola principal de ensino primário e secundário, sediada na Vila de Nova Sintra. Tendo em conta os condicionalismos da época, a existência da escola na Brava foi de curta duração. Desprovido desse meio de progressão académica fez-se autodidacta, aproveitando da biblioteca existente na casa onde morava e não só, *sabe-se também que, concluída a instrução primária, ele estudou com o Padre António de Sena Barcelos, António Almeida Leite e Rodrigues Aleixo (Artiletra nº 34/35, 2000:2). Ficou órfão muito cedo. Esta circunstância não podia deixar de influir profundamente na formação do seu espírito pela vida adiante. Afinou-lhe o sentimento poético revelado assombrosamente desde a primeira adolescência. Disto é prova a poesia A Badinha, ...publicada no «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro» ...entre 1882 e 1889 (Moser, 1993:196). Segundo Félix Monteiro essa estreia já revelava decidida vocação para as Letras e apreciáveis conhecimentos da língua e da metrificação (Idem), facto pelo qual Eugénio Tavares é sobejamente conhecido no seio da literatura cabo-verdiana.*

A vivência do poeta é marcada por determinados acontecimentos que fizeram dele um grande. A sua vida passou por momentos dramáticos; *o grande poeta, porém, nem sempre foi feliz. A sua vida foi por último, uma luta constante. Perseguido da sorte e dos homens, houve um tempo, exilou-se para os Estados- Unidos, onde viveu alguns meses e deixou na colónia um rasto luminoso da sua passagem. Nos seus últimos anos, novos desgostos e injustiças vieram afligi-lo ainda muito mais (Idem)*. Não obstante tudo isso nunca deixou de ter a ousadia e a determinação na defesa dos seus ideais. *Eugénio foi grande porque sentiu, porque bebeu sofregamente a vida, num turbilhão de acontecimentos que fizeram dele uma figura quase lendária*, diz Francisco Lopes da Silva (Artiletra nº 34/35, 2000:5)

Eugénio Tavares é conhecido como funcionário público, ficcionista, dramaturgo, dinamizador cultural, jornalista, poeta. Mas é sobretudo neste último que mais se destacou, retratando nas obras que deixou dispersas pelos jornais, panfletos, pelas mornas, a alma do povo cabo-verdiano. Jorge Barbosa, escritor de renome no panorama literário de Cabo Verde, diz que *ninguém como Ele foi tão expressivo como tipo de uma raça, ninguém como Eugénio viveu tão intensamente pela sua terra. Ninguém pode medir com Ele no grau atingido de caboverdianismo* (Artiletra nº 34/35, 2000:4. Maiúscula no original). Esta expressividade é revelada sobretudo pela perícia do poeta em escrever tanto na língua portuguesa como na língua crioula. Nesta escreveu as mornas, canções que consubstanciam a alma do homem cabo-verdiano pelo que se destacou e se tornou bem notório na literatura cabo-verdiana.

Segundo os mais entendidos, Eugénio Tavares foi um dos maiores poetas da criouliidade. Para além de ter escrito grande parte da sua obra em crioulo, ele defendia-o como sendo elemento que caracteriza o homem cabo-verdiano. Essa defesa residia no próprio acto de escrever de Eugénio Tavares, tendo como instrumento de escrita a língua crioula. Mediante a sua pena Eugénio demonstrou que a língua crioula pode ser um meio para fazer literatura. A sua tomada de posição no que concerne à língua crioula é bem patente no jornal “O Manduco”, número 11, de Janeiro de 1924: *Desde que não seja possível negar que o Cabo-verdiano pensa; e que dispõe de palavras para dizer o seu pensamento; e que usa de regras para a arrumação dessas palavras; e que, finalmente, tais palavras e regras constituem o resultado de uma colaboração de elementos associados na colonização – fica admitida a utilidade do estudo dessas palavras e regras, como elementos para o estudo da colonização. E, se me não ilude a minha incompetência, esse estudo é que constitui a gramática.*

Nesta citação pode-se destacar dois aspectos importantes inerentes à língua crioula. Primeiramente pode-se ver expresso o pensamento de Eugénio quanto à questão da afirmação

do crioulo; em segundo plano surge a questão histórica, pois mediante a língua crioula pode-se conhecer os factos históricos que documentam a vivência da nação cabo-verdiana.

Chegou o momento dramático para os cabo-verdianos, mais concretamente para os bravenses. Corria o dia 1 de Junho de 1930 quando se cumpriu a “profecia” predita por Eugénio Tavares: *Bidjiça tem um amostra certo / Pá nu contém co morte perto / Na Sol di entardecer de idade / Quando é Sol brando, Sol di sodade*. Morria, subitamente, o grande lírico cabo-verdiano. De acordo com o site dedicado a Eugénio Tavares (cf. Bibliografia) várias foram as homenagens que lhe prestaram personalidades e instituições consagradas, destacando as homenagens do Banco de Cabo Verde em 1999, dos Correios de Cabo Verde, de Artur Vieira na Academia Internacional de Letras em Rio de Janeiro, Brasil, em 1993, do Presidente da República de Cabo Verde, Doutor António Mascarenhas Monteiro, entre outras. Estar a debruçar sobre uma personalidade sobejamente conhecida num trabalho deste índole não passa duma homenagem prestada àquele que, acima de tudo, deu merecida honra ao crioulo.

2 - Textos crioulos de Eugénio Tavares e o ALUPEC

Eugénio Tavares é tido como um dos mais fecundos poetas em língua crioula. Para além de ser conhecido pelos sonetos que compôs na língua de Camões, língua que ele utilizava com elegância, é especialmente conhecido pelas mornas que deixou escritas em crioulo. Reflectem o heroísmo sentimental do homem das ilhas, pois *a epopeia de Cabo Verde são as suas mornas. As suas mornas são as tragi-comédias das nossas ilusões. A obra de Eugénio é a nossa epopeia sentimental*, diz Manuel Lopes (Artiletra nº 34/35, 2000:41)

As obras de Eugénio escritas em crioulo têm uma característica especial, pois são escritas à maneira do próprio escritor. Desprovido de qualquer padrão alfabético para a grafia do crioulo, Eugénio não se sente intimidado para usar a língua crioula como veículo de transmissão do seu conteúdo poético. Este ganha profunda expressão que só é conseguida em crioulo, basta atentar-se por exemplo ao conteúdo inerente ao vocábulo “crecheu” que muitas vezes é traduzido em português por bem-querer; tem uma conotação própria da língua crioula, *uma modalidade puramente cabo-verdiana do amor e um sentimento tão original como a saudade* (Tavares, 1931:98).

No que tange aos textos de Eugénio Tavares escritos em crioulo é de salientar ainda que pode-se encontrar algumas variantes entre versões actuais e as produzidas por Eugénio, caso das mornas *Mal d'amor* e *Força de Crecheu*, aspectos que, possivelmente, poderão estar inerentes ao facto linguístico existente em Cabo Verde. Tendo em conta as variantes existentes no crioulo de Cabo Verde alguns acham que cada ilha apresenta traços específicos na sua variante, podendo, deste modo, ter o seu próprio crioulo como se pode ver nas palavras de Osório de Oliveira: “...o facto da pronúncia do crioulo variar, quási, de ilha para ilha, de tal maneira que não se pode falar, verdadeiramente, do crioulo de Cabo Verde, mas, sim do crioulo da Brava, do Fogo, da Boa Vista, de São Vicente ou de Santo Antão...”. O mesmo autor acrescenta ainda que “*essas diferenças na linguagem tinham que corresponder, na escrita, a uma diversidade de ortografia*” (Tavares, 1931:100).

Se se levar em consideração a perspectiva de Osório de oliveira, ter-se-ia várias versões, em variantes diferentes, dos textos de Eugénio Tavares. O projecto parece interessante e muito promissor, mas de momento a atenção está virada para outros aspectos. Daí que se fez a selecção dum conjunto de textos de Eugénio, escritos em crioulo, e adaptados à música, constituindo ainda as belíssimas mornas no panorama musical cabo-verdiano. Com isso pretende-se traduzir os textos escritos por Eugénio Tavares para o ALUPEC. Como se sabe a sigla atrás mencionada designa-se Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano, constituído por *um conjunto de sinais gráficos para a representação uniforme de cada som da língua cabo-verdiano...consistindo na harmonização de dois modelos de alfabeto, o de base etimológica e o de base fonológica* (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998:21). O ALUPEC é composto por vinte e três letras e quatro dígrafos: A B D DJ E F G H I J K L LH M N NH N O P R S T TX U V X Z, regido pelo *princípio fonológico que se traduz na relação biunívoca entre o fonema e o grafema, na medida em que cada letra representa sistematicamente um fonema e vice-versa*. (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998:20)

É de salientar que para a tradução (ver o anexo), como ficou expresso nas linhas antecedentes, utiliza-se o Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo, no entanto a tradução não será feita tendo em conta apenas a ortografia. Toma-se o seguinte caso: o verso de Eugénio Tavares “Cá tem nada na ês bida” corresponde ao verso “Ka ten nada na es bida” segundo o ALUPEC, isso no plano ortográfico; ter-se-á em conta também a pronúncia da variante falada na Brava, a componente fonológica do crioulo da Brava. Portanto, a tradução que se faz do verso “Mas grande que amor” é a seguinte: “Mas grandi ki amor”. A tradução do verso demonstra que a vogal final das palavras “grande” e “que” alterou para a vogal (i).

Crê-se que a pronúncia das palavras escritas por Eugénio Tavares era a mesma que a pronúncia que se ouve actualmente, tendo a particularidade de ser grafada com a vogal (e), facto explicável, pois Eugénio Tavares, *para chegar a uma fórmula ortográfica, não encontrando na prosódia uma base razoável, seguiu, segundo confessou, a etimologia* (Tavares, 1931:100).

Para a consecução deste intento seleccionou-se de forma intencional quinze textos do autor em causa. Os textos são os seguintes: *Força de crecheu, Morna de Aguada, Ná, ó menino ná, Que importa'n lá?, Amor é carga? Amor é culpa?, Morna de Bejiça, Contam nha crecheu, Morna de despedida, Na cantero de nha peto, Quel alma já bem papiâ, Cusas de mundo, Enganosa, Lua noba e Bárbara, scraba bonita* (parte em anexo). A selecção foi intencional, pois os mesmos textos servirão de suporte para um outro item que se pretende levar a cabo neste mesmo capítulo. Também pelo facto de serem textos que compõem as letras das mornas bastante conhecidas e interpretadas por falantes da variante da Brava e não só, mas também por intérpretes de outras ilhas.

3 - Estruturas morfológicas do crioulo nos textos de Eugénio Tavares

Face à pretensão de se debruçar sobre aspectos inerentes às estruturas morfológicas dos textos de Eugénio faz-se necessário explicitar, primeiro, o termo estrutura e a expressão estrutura morfológica. Para Birou (citado por D. Coste e R. Gallisson), estrutura é o *modo como as diversas partes que compõem um todo são agrupadas em relação umas às outras*. Tendo em conta o sentido geral da palavra D. Coste e R. Gallisson acrescentam dizendo que *essas partes não são definidas pela sua própria natureza, mas pelas razões diferenciais que as ligam (assim, o importante são as relações, a forma) ou pela função que desempenham no todo (aqui o importante é a função)*. A estrutura é então uma organização formal e/ou funcional, o que pode, em última análise, dar conta de um certo número de ambiguidades que este termo, hoje em dia muito espalhado, contém” (Coste e Gallisson, 1983:268).

O conceito de estrutura não é limitado ao sentido geral. Várias são as acepções para este termo. Em linguística estrutural consiste na *organização estrutural das unidades do sistema da língua*. Outra acepção atribuída ao termo é a de que ela consiste na *organização interna das unidades de um nível de análise*. Ex.: *a estrutura fonológica, ou a estrutura sintáctica ou*

a estrutura semântica de uma língua e cada um destes níveis de análise foi concebido como um sistema ou um sub-sistema que tem a sua própria estrutura. (Idem) A última acepção que se apresentou demonstra que a língua constitui um sistema, uma estrutura das estruturas, podendo ser analisada em diferentes níveis. Se uma língua pode ser analisada tendo em conta a sua estrutura fonológica, sintáctica e semântica torna-se óbvio a sua análise morfológica. A estrutura morfológica é classificada como sendo a *estrutura que explicita as relações existentes entre os constituintes da palavra* (Mateus e Xavier, Vol. II, 1992:154).

Tendo em vista o conceito supra indicado, percebe-se nitidamente que a palavra constitui o centro de análise nas estruturas morfológicas. O projecto que se pretende levar a cabo não consiste em fazer um estudo minucioso das relações existente entre os constituintes das palavras, mas sim analisar alguns aspectos que se prendem com a forma de escrever de Tavares, tendo como ponto de referência a proposta do ALUPEC, destacando os seguintes aspectos: a opção gráfica de Eugénio Tavares, a acentuação e a colocação dos pronomes, mais concretamente os pronomes pessoais e os sob forma de complemento.

4 - Análise das estruturas morfológicas

O levantamento que se fez das palavras e das expressões presentes nos textos de Eugénio Tavares pode ser agrupado em três níveis de análise: as palavras ou expressões que ressaltam à questão da acentuação (palavras acentuadas com a marca gráfica), as que concernem à grafia e as que demonstram a colocação dos pronomes. Portanto, para o processamento da análise seguir-se-á a ordem dos casos atrás mencionados.

4.1 - O caso da acentuação

Nos textos em análise pode-se encontrar a acentuação em palavras como *más, é, ó, bá, conché, só, sê, fé, perdê, chigâ, vivê, morré, dâ, amá, esquicê, lâ, curtí, negâ, cantâ, ganhâ, vivê, flâ, câ, nós, fasé, já, tâ, bárbara, scrába, quêl, teném, cãtibo, pamô, dâl, rósa, môta, mé, cré, áchá, crêcheu, rôsto, madornádo, misiádo, dónar, mórado, amôr, dómádo, pêzár, ê*, entre outras. Estas palavras podem ser enquadradas em sub-grupos, seguindo a seguinte ordem de ideia: palavras acentuadas com o acento agudo (monossílabos e polissílabos), por exemplo, *fé*

e *misiádo*, as que estão acentuadas com o acento circunflexo (monossílabos e polissílabos), caso de *dâ* e *câtibo*; quanto à posição do acento podem ser agrupadas em: oxítonas (*cantâ* e *vivé*), paroxítonas (*scrába* e *crêcheu*) e proparoxítonas (*bárbara* e *câtibo*).

Como se pode verificar, o caso da acentuação em Eugénio Tavares apresenta algumas discrepâncias quando confrontado com o ALUPEC. As palavras como *dómádo*, *pêzár*, *áchâ* e *crêcheu*, têm uma grafia diferente daquela que virá a ser proposta pelo ALUPEC. Este, de facto, não prediz nenhuma regra que permita dois acentos gráficos para marcar a sílaba tónica numa só palavra, como se pode constatar nas palavras *dómádo* e *pêzár*. O ALUPEC prediz que *a maior parte das palavras em Crioulo são paroxítonas. Diz-se neste caso que a sílaba tónica é preeditível, não havendo por isso a necessidade de representá-la com um diacrítico.* (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998:23). Mas essa discordância em relação à regra predita pelo ALUPEC tem a ver com a natureza do crioulo falado na Brava, pois Eugénio Tavares, para além de acentuar a sílaba tónica, salienta a natureza vocálica presente no crioulo bravense. Considera-se que esta é a razão do uso de dois acentos numa só palavra. Não obstante as tais discrepâncias referidas pode-se ver aspectos em que a acentuação realizada por Eugénio vai ao encontro das regras estipuladas pelo ALUPEC. Pode-se encontrar palavras como *só*, *fé*, *vivé*, *morré*, *esquicê*, *pamô* que estão de acordo com o que reza uma das regras do ALUPEC, passamos a citar: *As palavras oxítonas de mais de uma sílaba ou as monossilábicas terminadas por e ou o levam o diacrítico, de acordo com a natureza vocálica.* (Idem). O diacrítico usado por Tavares indica a natureza vocálica das palavras, com a diferença de umas palavras serem assinaladas com o acento agudo e outras com o circunflexo.

Segundo o ALUPEC nalgumas ilhas de Cabo Verde, não obstante a *preeditibilidade intradialectal do diacrítico*, pode-se encontrar verbos regulares oxítonos. Neste caso, recomenda-se o uso do diacrítico como forma de contrastar com outras formas verbais, particularmente, as da ilha de Santiago. Posto isso, pode-se então considerar que determinadas formas verbais nos textos de Eugénio se enquadram neste contexto. Como exemplo disso pode-se tomar as seguintes formas verbais: *morré*, *ganhâ*, *cantâ*, *negâ*.

Ao longo dos textos constatou-se que existe poucas palavras proparoxítonas, mas tendo em conta a posição do acento encontrou-se, por exemplo, a palavra *bárbara*. Pode-se destacar também a acentuação em palavras como *câtibo* e *mórado*. Pelo facto do acento gráfico se situar na antepenúltima sílaba considera-se que são palavras esdrúxulas ou proparoxítonas. No entanto, convém salientar um aspecto que se prende com a sílaba tónica. Nas palavras referidas as sílabas tónicas são *ti* e *ra* respectivamente, sílabas onde o acento tónico deveria

recair. O facto disso não acontecer leva a crer que o autor acentua as sílabas átonas para realçar o aspecto fonológico, a natureza vocálica, a forma de pronunciar.

Já se disse aqui que Eugénio Tavares escrevia com base na etimologia do crioulo. Outro aspecto a ter em conta é o facto dele muitas vezes não escrever o crioulo da mesma maneira, ocorrência que pode ser observado na acentuação. Por exemplo, no poema “Morna de despedida” a forma verbal *bá* encontra-se acentuado, mas no poema “Quel alma já bem papiâ” isso não acontece. Outros casos podem ser mencionados, tais como: (*dós, dos*), (*crêcheu, crecheu*), entre outras.

4.2 - O caso da grafia

A escrita de Eugénio foi e continua a ser discutida entre os puristas. Pedro Cardoso, por exemplo, não concordava com a escrita utilizada por Eugénio Tavares. Actualmente pode-se ver esse espírito de desacordo manifestado na forma de escrever determinadas palavras em crioulo. A palavra *crecheu* (versão de Eugénio Tavares), por exemplo, constitui um dos vocábulos muito discutidos. O fonema tʃ pode constituir-se como cerne da discussão. O som palatal da palavra *crecheu* é muitas vezes representado segundo uma das representações proposta no Colóquio de Mindelo *tch*. O mesmo som pode ser representado pelo dígrafo *tx*, tendo em conta a proposta apresentada pelo ALUPEC. O aspecto gráfico arrasta para outros vocábulos, tais como: *já, gente, pega'n, fiço, consejo, getinho*, entre outras. Se se atentar para as palavras (*getinho / gente*) e para (*já / consejo*) fácil se torna perceber que Eugénio Tavares muitas vezes utilizou os grafemas **g** e **j** para representar o fonema /dʃ/. Os grafemas **g** e **j**, para além de representarem o som expresso atrás, representam ainda o fonema /g/, oclusiva, velar e sonora e o fonema /j/, constrictiva, palatal e sonora, caso das palavras *pega'n* e *bejo* respectivamente.

Os casos analisados nas linhas anteriores demonstram que a escrita realizada por Eugénio Tavares vai de encontro à funcionalidade do ALUPEC, tendo como uma das bases a proposição de que “*as características fundamentais do alfabeto fonológico são a biunivocidade e a sistematicidade, na medida em que cada grafema representa sempre um*

mesmo fonema e cada fonema corresponde sempre a um mesmo grafema.” (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998:20).

4.3 - O caso da colocação dos pronomes (pessoal e sob forma de complemento)

Várias são as estruturas morfológicas encontradas nos textos em análise que demonstram a forma como Eugénio Tavares fazia a colocação dos pronomes, pessoais e sob forma de complemento, como se pode atestar nos exemplos a seguir: *abrim, q'rem, ja'n perdel, dixa'n, ja'n q'rel, dano, mandano, ja'n dabo, que'n q're que q'rem, n'dál, 'N q'rel, jam flal, Se el ja el q're'n, Se Deus da'n el, bo arri, quando'n spiabo bo arri, nos é tres*, entre muitas outras formas semelhantes ocorridas nos poemas. No que toca aos pronomes pessoais, tendo em conta o levantamento feito, pode-se constatar que há a ocorrência dos seguintes pronomes: a primeira, a segunda e a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural.

Os pronomes destacados a negrito nas estruturas morfológicas *bo arri, Se el ja el q're'n* e *nos tres* representam os casos da segunda pessoa do singular, da terceira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural respectivamente. A representação do pronome pessoal sujeito da primeira pessoa do singular merece atenção, pois, de acordo com exemplos supra citados, pode-se notar que Eugénio Tavares usava formas diferentes para grafar este pronome pessoal. As formas, *n'dál* e *'N q'rel, que'n q're que q'rem* confirmam o que se disse.

Em *n'dál* a forma para representar o pronome pessoal sujeito da primeira pessoa do singular consiste num “n” minúscula pré verbal e seguido por um apóstrofo. Já em *'N q'rel* a representação apresenta diferenças em relação a representação anterior, muito embora o pronome seja grafado com a mesma letra (letra N). O pronome é representado por um “N” maiúscula também pré verbal, mas precedido pelo apóstrofo. No último caso, a semelhança do primeiro caso, o pronome é marcado pela letra “n”, mas é pré verbal e precedido pelo apóstrofo. Tendo em consideração as formas analisadas pode-se ver que as representações feitas por Eugénio Tavares não correspondem a proposta do ALUPEC. Este concorda com a grafia proposta pelo Colóquio de Mindelo em 1979, retomada em 1989 pelo Fórum de Alfabetização Bilingue, em que o pronome pessoal sujeito da primeira pessoa do singular é representado pela letra N maiúsculo.

De acordo com o *corpus* em análise encontrou-se o pronome pessoal complemento da primeira pessoa, da segunda e da terceira pessoa do singular, o pronome complemento da terceira pessoa do plural e o complemento de objecto directo; e as formas gráficas que Eugénio Tavares usa para representar os pronomes complementares são: *m*, *'n*, *l*, *no*, *el* e *bo*.

O pronome complemento da primeira pessoa do singular, como se pode verificar nas estruturas *abrim* e *dixa'n*, é representado pela letra **m** e pela letra **n**, sendo que no primeiro caso o pronome representado por um “*m*” é aglutinado à forma verbal, enquanto que no segundo caso o pronome representado pela letra “*n*” é demarcado por uma apóstrofo, separando-o da forma verbal. Importa salientar que Tavares usa o apóstrofo com dupla funcionalidade: para indicar a queda de sons, como acontece em *q'rel*, *q'rem*, e para ligar o pronome clítico e o verbo, por exemplo em *dixa'n*. Essa escrita diverge da proposta do ALUPEC, pois este, para o caso em análise, prescreve as seguintes directrizes: *o pronome pessoal complemento da 1ª pessoa do singular é representado por um m em Sotavento e me em Barlavento*, (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998:22) acrescentando ainda que a grafia do mesmo sempre se faz com um hífen interposto entre o verbo e o pronome.

Para o pronome complemento da terceira pessoa encontrou-se somente a forma no singular representado pela letra **l**, como se pode conferir nas seguintes estruturas: *ja'n perdel*, *ja'n flal*. A sua representação é realizada mediante a aglutinação do pronome ao verbo, facto que por sua vez, não coabita com a proposta do ALUPEC, pois este prevê o mesmo procedimento usado para marcar o pronome complemento da primeira pessoa do singular, atrás referido. Quando se trata de complemento de objecto directo é representado por **el** como se vê na estrutura *Se Deus da'n el*, a mesma forma utilizada para representar o pronome pessoal sujeito da terceira pessoa do singular.

4.4 – Reflexão sobre as propostas de escrita

Com a tradução dos textos de Eugénio Tavares para o ALUPEC (parte em anexo) fica-se perante duas propostas para a escrita do crioulo: a escrita etimológica e a de base fonológica. Pelas particularidades inerentes à escrita utilizada por Tavares fácil se torna deduzir que a sua proposta é de base etimológica, pois o mesmo Eugénio declara que para chegar a uma forma ortográfica seguiu a etimologia das palavras, pois não encontrou uma base razoável na

prosódia, facto que já referíramos em linhas antecedentes. Nos textos de Eugénio Tavares pode-se constatar que, a semelhança do que acontece em português, o fonema /k/ aparece grafada como “c” diante de a, o, u, caso das palavras *alcança*, *conché* e *cuma* respectivamente no poema “Força de Crecheu”, mas como “qu” antes de e e i, em palavras como *quel*, no mesmo poema atrás mencionado e em *esquicê* grafado no poema “Morna de Aguada”. Esta ausência da relação biunívoca entre o fonema e o grafema permite, de acordo com Jean Doneux, a introdução de uma *régle de réécriture*. Segundo este mesmo autor *esta regra de distribuição complementar é completamente estranha do ponto de vista do crioulo, e que ela introduz uma complicação de memória – inútil na aprendizagem da escrita da língua* (Doneux in Colóquio do Mindelo, 1979:107).

De acordo com os linguistas a escrita etimológica não é a mais viável quando se pretende escrever uma língua pela primeira vez, pois apresenta muitas desvantagens. Para uma língua que se espera ser língua oficial e conseqüentemente constituir-se como instrumento de ensino torna-se pouco viável a aceitação da proposta etimológica, *pois os linguistas estimam que as escritas demasiadamente aleatórias são extremamente dispendiosas*, (Doneux in Colóquio do Mindelo, 1979:108). Deste modo os mais entendidos defendem que aprender a ortografia de certas palavras em crioulo resumirá a uma maior capacidade de memorização.

Uma vez que a escrita protagonizada por Tavares é de base etimológica não é de surpreender a tal aproximação existente entre o crioulo escrito por ele e o português. Segundo Dulce Pereira *os textos do século XIX são, pois, bons documentos de uma faixa do Crioulo que, no contínuo, está mais próxima do português, é mais «leve», ou, na terminologia linguística, mais acrolectal*. (Pereira in Faria, 1996:556). Suponhamos a possibilidade da escrita etimológica utilizada por Tavares ser adoptada como norma ortográfica, e conseqüentemente ser considerado como instrumento de ensino. Será que essa aproximação não constitui uma mais valia para o falante das duas línguas? Não seria um princípio de acomodação fazer o uso duma mesma regra, caso do fonema /k/ como grafemas c e qu, por exemplo, para as duas línguas? Não facilitaria a aprendizagem das mesmas? Sobre este assunto oiçamos o que diz Jean Doneux. Para ele na tentativa de querer aproximar o crioulo do português, como se faz quando adopta-se a base etimológica, preconizada por Eugénio Tavares, *pode-se correr o risco de mascarar as suas diferenças fundamentais de estruturas e disso pode resultar que as crianças, acreditando abusivamente estar diante dum sistema muito próximo, se imaginem que é muito simples de passar para o português a partir do crioulo* (Doneux in Colóquio do Mindelo, 1979:111). O mesmo autor fundamenta que *quanto*

mais típico for a base ortográfica tanto elas se convencerão que no momento de aprender o português, a 'gente passa a uma outra coisa' (Idem).

Ficou explícito que a escrita etimológica apresenta algumas lacunas no que concerne ao ensino do crioulo. Mas apesar dessas insuficiências inerentes a esta proposta não se pode menosprezar a atitude do poeta Eugénio Tavares por ter escrito os seus textos em crioulo, tendo como suporte essa proposta de escrita. A ousadia do poeta em grafar o crioulo da forma como o fez nos remete para duas razões de fundo:

- Tendo em conta os condicionalismos históricos (a posição de Cabo Verde como sendo colónia, sujeito a coroa portuguesa) Eugénio Tavares não teve outra saída senão escrever o mais perto possível da língua portuguesa. Desprovido de qualquer grafia normalizada é de esperar que ele ao escrever em crioulo busca representá-lo tendo como referência a grafia portuguesa;
- Outra razão, e não menos importante da que já se mencionou, prende-se com o facto de que no século XIX ensinar o crioulo era coisa impensável, e o facto de não haver uma grafia padronizada e mesmo assim alguém ousar em escrever em crioulo, como fez Eugénio, demonstra que ele teve um contacto privilegiado com outra língua (neste caso a língua portuguesa) o que fez com que a sua grafia ficasse vulnerável à influência da língua portuguesa.

A proposta de escrita apresentada pelo ALUPEC, utilizada para traduzir os textos de Tavares, revela maior sistematicidade e funcionalidade. Eis a principal diferença entre as duas propostas. Durante a tradução constatou-se essa funcionalidade, mediante o princípio fonológico pelo que rege o ALUPEC – a univocidade da relação grafema-fonema. Este princípio fonológico faz com que o ALUPEC seja mais económico e consequentemente mais fácil de escrever e de aprender o crioulo. Longe de nós querer usurpar a afirmação deixada pelo linguista Manuel Veiga no Colóquio de 1979, realizado no Mindelo, quando disse: *se realmente queremos alfabetizar o mais breve possível a nossa população analfabeta temos que optar pelo caminho mais viável e, sobretudo, mais inteligente. ...esse caminho seja na medida do possível fonológico e não etimológico*². (Veiga, 1979:116).

Cientes dessa viabilidade e inteligência na escolha da proposta para ser adoptada como norma de escrita do crioulo não foram poupados esforços. Como resultado o Conselho de Ministros, de acordo com Decreto-Lei nº 67/98 de 31 de Dezembro aprovou o ALUPEC a

² VEIGA, M. *Instrumentalização do crioulo. In: O Colóquio do Mindelo*. Op. Cit. Pág. 116.

título experimental. Os mais entendidos, políticos, linguistas entre outros consideram que o ALUPEC constitui um excelente instrumento para o ensino e aprendizagem do crioulo. Vivesse Eugénio nos tempos actuais teria partilhado desta ideia? Teria adoptado a proposta do ALUPEC para grafar os seus textos? Na impossibilidade de saber a resposta, o que se pode afirmar é que ele demonstrou firmeza na elevação do crioulo e os textos dele constituem um legado importantíssimo para reflexão sobre a padronização da língua cabo-verdiana.

CAPÍTULO III

AMERICANISMOS NO CRIOULO DA BRAVA

1 - Enquadramento teórico

No que se refere à sua composição lexical, o crioulo de Cabo Verde tem a língua portuguesa como base, como suporte, pois a maior parte do léxico que o compõe é proveniente da língua portuguesa. Daí que estudar a componente lexical do crioulo cabo-verdiano implica, necessariamente, recorrer à língua de origem – a língua portuguesa. Contudo, devido às conjunturas históricas e sociais, pode-se constatar que a componente lexical do crioulo dispõe de vocábulos pertencentes a outras línguas, muito embora seja numa porção muito reduzida, tendo em conta a forte presença da língua portuguesa.

Como todas as línguas, o Crioulo de Cabo Verde tem as suas variantes regionais, sociais e estilísticas, particularmente a nível lexical e fonético (Pereira, in Faria, 1996:552). O trecho aludido demonstra que o crioulo, muito embora seja a língua falada e entendida pelos seus falantes, não deixa no entanto de apresentar diversidades no que tange ao estilo, ao léxico e na parte fonológica. Pelo que, para o estudo em causa, importa delimitar, com precisão, o campo no qual se vai debruçar, pois falar do léxico dum língua nos remete para a ciência linguística responsável por essa área – a lexicologia. Os linguistas costumam defini-la como ciência do léxico dum língua. Segundo Berruto, Abraham e Cristal citado por Mário Vilela, *a lexicologia estuda as palavras de uma língua, em todos os seus aspectos: pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica* (Vilela, 1994:9-10). Como se pode ver a lexicologia abarca determinados campos linguísticos, mas convém deixar explícito que este capítulo incidirá na componente etimológica e nos processos de formação de palavras. O crioulo que se fala na Brava é um caso que se pode analisar, pois apresenta, no que diz respeito ao léxico,

características específicas e que vai ser analisado no decorrer deste capítulo. De acordo com o título escolhido para este capítulo – americanismos no crioulo da Brava – a atenção centrar-se-á, sobretudo, na parte lexical, ou seja, os vocábulos criados por influência do inglês dos Estados Unidos da América.

Para o estudo do léxico no crioulo da Brava recorre-se à entrevista (gravação) feita com determinados falantes do crioulo da Brava, e, sempre que necessário, ao estudo realizado pela autora Deirdre Meintel.

2 - Palavras com étimo no inglês americano

De acordo com o levantamento feito, constata-se que o crioulo da Brava dispõe de um número considerável de palavras cuja etimologia provém do inglês americano. Para compreender melhor a presença dessas palavras no crioulo da Brava vai-se apresentar uma lista que dará conta da ocorrência das mesmas na fala dos falantes bravenses gravadas (ver anexo).

Como se pode notar as palavras apresentadas têm como étimo palavras do inglês americano e estão completamente integradas na língua de acolhimento – o crioulo bravense. Neste caso pode-se falar em casos de empréstimos, pois segundo o *Dicionário de Didáctica das Línguas* o empréstimo e o decalque são transferências de língua para língua, processos de enriquecimento por contacto utilizados por línguas naturais para preencher lacunas no seu próprio sistema – essencialmente no seu sistema lexical –, ou para tornar mais flexível a sua utilização. Essa transferência efectua-se em dois tempos, sendo que no primeiro momento dá-se a inserção, em que há uma *equivalência na ordem dos significantes e dos significados, quanto aos empréstimos; equivalência apenas no plano dos significados, quanto aos decalques*. O segundo momento acontece os fenómenos de assimilação e de rejeição, onde *a integração progressiva do elemento novo no sistema condicionante da língua que o recebe é acompanhada de uma modificação da forma fónica, da forma gráfica por vezes e do sentido muitas vezes isso para o empréstimo, e de um deslize, bastante frequente, do sentido primitivo, para o decalque*. (Coste e Gallisson, 1983:228-229).

Para o *Dicionário das Ciências da Linguagem*, a transformação duma língua tem por base dois princípios: a vontade consciente dos homens, e a necessidade interna, pois a língua *não só é transformada mas também transforma-se* (Ducrot e Todorov 1991:23). Partindo

disso, os linguistas distinguiram uma das relações possíveis entre palavras de línguas diferentes. Parafraseando o dicionário acima referido pode-se dizer que há empréstimo se uma palavra de uma dada língua for conscientemente formada sobre o modelo de outra pertencente a língua de origem.

De acordo com Gleason, *o empréstimo é exactamente aquilo que o nome indica a cópia dum elemento linguístico de falantes doutra forma de linguagem.* (Gleason, 1985:419). O mesmo autor continua dizendo que *as palavras de empréstimo conservam características, por vezes, por meio das quais se pode discernir prontamente a sua origem estrangeira...noutros casos, as palavras de empréstimo são forçadas a adequar-se mais estreitamente aos padrões fonológicos ou morfológicos da língua...* (Idem). Posto isso, fácil se torna perceber que Gleason utiliza o termo empréstimo para transmitir as duas ideias, também salientadas nos dois dicionários referidos. Por isso, sempre que necessário, adoptar-se-á a terminologia utilizada por Gleason para referir os termos em crioulo no material em análise, como atrás mencionado.

Pode-se constatar nas linhas antecedentes que Coste e Gallisson caracterizam o empréstimo como uma integração progressiva do elemento novo no sistema condicionante da língua que o recebe e é acompanhada de uma modificação da forma fónica, da forma gráfica por vezes e do sentido muitas vezes. Tendo em conta as transformações ocorridas nas palavras originárias do inglês americano vai-se, na medida do possível, tentar mostrar os processos morfofonológicos que estiveram implicados na formação das palavras recorrentes na fala dos nossos informantes.

3 - Processos morfofonológicos inerentes à formação das palavras

Como se sabe, conhecer a origem das palavras é de extrema importância para o estudo da língua, neste caso, o crioulo da Brava. Mas para se saber a origem das palavras torna-se necessário evocar neste estudo uma disciplina da linguística que é responsável disso, ou seja, a etimologia. *Em linguística histórica a etimologia é uma disciplina que tem por função explicar a evolução das palavras remontando tão longe quanto possível, no tempo, muitas vezes para além dos limites do idioma estudado, até chegar a uma unidade dita étimo* (Mateus e Xavier, Vol. I, 1992:156). A etimologia procura saber as relações que uma palavra,

duma determinada língua, mantém com a unidade que lhe deu origem, ou seja, o seu étimo. Tendo em conta a definição citada demonstrar-se-á a origem das palavras seleccionadas e, através da análise dos elementos que as constituem, evidenciar também a integração de cada uma delas no crioulo.

3.1 – Análise das palavras

Apresenta-se um trecho, onde é destacada a palavra a ser analisada, a seguir demonstra-se as transformações ocorridas no empréstimo. Começamos com o seguinte corpus:

...npó, odjá, nós dentu kel zona la ki nu ta morá, di Patakéti, só fatré ki ten pra la fitxadu se-l abrí ka ten mundu pa trabadjá... (Informante nº 1)

A palavra *Patakéti* existente no crioulo da Brava, muito usado pelos bravenses, tem como étimo a palavra inglesa *Pawtucket* (*Patakéti* <*Pawtucket*). Esta palavra é bastante usada no crioulo da Brava, pois grande parte da comunidade de emigrantes bravenses residentes nos Estados Unidos da América reside em Pawtucket. Ao analisar a palavra *Pawtucket* pode-se ver que este topónimo sofreu alterações fonéticas ao entrar na língua crioula e se encontra integrado no sistema linguístico da *língua-alvo* (cf. DTL), ou seja, a língua cabo-verdiana. Na evolução da palavra *Pawtucket* para *Patakéti* dão-se determinados processos fonológicos. Paragoge ou adição do fonema [i] no final da palavra, síncope do fonema [c], eliminando a sequência consonântica do inglês americano *ck*; correspondência do som da sílaba *tu* (do inglês) em *ta* (crioulo), ou seja, dá-se o processo de assimilação, [u] > [a], assimilação completa, dá-se ainda o processo de monotongação, em que o ditongo americano *aw* transforma-se num monotongo, ou seja, na vogal *a* aberto. Portanto, o que podemos notar é que existe uma regularização morfofonológica da palavra *Patakéti* mediante os processos atrás demonstrados.

...Pamodi táxi é karu, trabadju undé ki ten es ka ta xa ben...ééé sin. Un trabadju, mas trabadju ki ta tenha na Merka ki ta andaba pa tu kis fatré éra Nu Ióka... (Informante nº 1)

Do topónimo New York, cidade norte americana, deriva-se a palavra *Nu Ióka* (*New York* > *Nu Ióka*). Para a formação da palavra crioula pode-se constatar que há uma regularização fonológica e morfológica, pois há a ocorrência dalguns processos morfofonéticos, tais como: paragoge ou inserção do fonema [a] no final da palavra, atribuindo

o género feminino à palavra originária; síncope do fonema [r] e uma conseqüente regularização fonológica em que a seqüência consoante-consoante *rk* transforma-se em consoante-vogal, [rk]> [ka]. Estes processos transformacionais ocorrem na segunda partícula da palavra, visto que o vocábulo em análise é formado por duas partículas. Na primeira partícula ocorre o processo de monotongação em que o ditongo [ew] inglês se transforma no monotongo [u]. Nesse processo de transformação ocorre a síncope do fonema /e/ e dá-se a assimilação da estrutura fónica do fonema /w/ para o fonema /u/.

...*pudin di kéki ki...agó pudin di kéki. N tené boka na pudin.* (Informante nº 2)

Depois de se analisar o topónimo *Nu Ióka* passa-se agora para o vocábulo *cake*. Da palavra *cake* adveio o termo *kéki* do crioulo bravense (*cake*> *keki*). Para melhor se demonstrar os processos ocorridos na palavra *kéki* vai-se apresentar a transcrição fonológica da palavra *cake*. Tem-se então a seguinte seqüência sonora: [keik]. Com base na transcrição a evolução torna-se mais nítida, pois facilmente se percebe que na formação do termo *keki* deu-se o processo de metátese do fonema /i/. Essa transferência do meio da palavra para a posição final, se fez com que, no plano fonológico, deixar de existir um ditongo, o fonema /ei/, para um monotongo, o fonema /e/.

...*dja is sa ta kunprá kaza kuaji só pa londji. Kumó Bitinhu el el kunprá na Betiféti...* (Informante nº 1)

Se para a formação do topónimo *Nu Ióka* a partícula *Nu* deriva de *New* o mesmo não acontece na formação do vocábulo *Betiféti*. Esta palavra originou-se do topónimo *New Bedford* (*New Bedford*> *Betiféti*), outro topónimo dos EUA, cidade onde residem muitos bravenses. Pode-se constatar que para a formação da palavra em questão houve uma queda completa da partícula *New*; Portanto, a palavra que hoje temos no crioulo da Brava é a transformação do segundo elemento, ou seja, *Bedford*. Para se chegar à palavra *Betiféti*, houve um processo contrário ao de sonorização, pois a consoante oclusiva **d** [+ son] transformou-se em **t**, consoante oclusiva [- son] ou surda, isto para os dois momentos em que a consoante **d** aparece na palavra *Bedford*. Na primeira ocorrência, este processo é seguido de uma regularização fonológica mediante o processo de epêntese, ou seja, inserção vocálica do fonema /i/ no interior da palavra, eliminando os grupos consonânticos sob forma de transformação ou desaparecimento (*df* e *rd*), processo de sonorização; e na segunda ocorrência há o acrescentamento do fonema /i/ no fim da palavra ou paragoge. Ao pronunciarmos as palavras *Betiféti* e *Bedford* podemos ver que se deu também a regra de

assimilação, pois o fonema /ɔ/ [+ bx] se transformou no fonema /e/, assimilando o fonema /i/, assimilação parcial.

...*Abés el ta fra ma musinhu kel da **rait**i, ma ezi... el é ka konxé...* (Informante nº 1)

Na transformação fonológica que deu origem à palavra *Betiféti* viu-se que a consoante oclusiva *d* [+ son] se transforma na oclusiva *t* [- son]. Este mesmo processo fonológico se repete na formação da palavra *rait*i que deriva do termo americano *ride* (*rait*i <*ride*). Neste caso o que se pode constatar é que existe uma regularização fonológica, pois a consoante oclusiva *d* [+ son] transforma-se na oclusiva *t* [- son]. Sendo assim pode-se inferir que esta evolução fonológica pode ser reduzida a uma regra do tipo: [+ son]> [- son] e [- cont]. Se se confrontar com o caso da evolução da língua latina para o português, em que as oclusivas surdas se transformaram em consoantes sonoras, pode-se ver que no crioulo da Brava a ocorrência é contrária ao processo de sonorização. Tendo em conta esta “regra” é natural que os falantes do crioulo da Brava, que perante o contexto fonético (fonema /d/) encontrado no inglês americano, passam a articular de forma idêntica todos os sons em situações similares.

Mas de acordo com o corpus em análise verifica-se que há excepção no que concerne à “regra” acima exposta. Como exemplo traz-se aqui a palavra *badi* derivada de *bad* (*badi* <*bad*). Na transformação fonológica da palavra *badi* tem-se o processo de paragoge, em que ocorre uma inserção vocálica no final da palavra, constituindo a sílaba *di*. A dita excepção consiste no facto da palavra *badi* conservar a consoante oclusiva *d* [+ son] ao invés de se proceder a uma regularização fonológica em que a oclusiva *d* [+ son] se transforma na oclusiva *t* [- son].

...*Viku ta baba mar ku djentis di **Brokit**in...* (Informante nº 1)

Brokitin é um outro vocábulo de origem americana, pois proveio do topónimo *Brockton* (*Brokitin* <*Brockton*). Na transformação da palavra *Brockton* para *Brokitin* as alterações fonéticas decorreram nas duas últimas sílabas. Isto quer dizer que na primeira sequência de som correspondente à primeira sílaba (*Bro*) não houve alteração. O fonema /i/ constitui o núcleo da segunda sílaba da palavra *Brokitin* e é resultante do processo designado de epêntese. Este processo é precedido pela queda do lexema [c], fazendo desaparecer a sequência consonântica *ck*. Este processo desencadeou outro processo fonológico que se designa anaptixe, pois a inserção do fonema /i/ fez desaparecer a sequência CCV (*_ckto_*) da palavra *Brockton* para a sequência CVCV (*_kiti_*). A estrutura fónica final da palavra *Brokitin* é resultante da assimilação da estrutura fónica da palavra de origem *Brockton* (*ton*>

tin) em que o fonema /o/ passa para o fonema /i/ devido à pronúncia do inglês americano, mantendo a nasalização final. Este processo consiste numa regularização fonológica da palavra formada.

...*Minizu fikaba riba di kel kutelu, imajiná go, is só. Kazinha éra kobertu ku **droma** bentu karagá ku xalera ku tudu nunka ma nu ka odjá kis **droma**...* (Informante nº 1)

Segundo Deirdre Meintel a palavra *dróma* usada pelos falantes bravenses tem como étimo o vocábulo *oildrum*. (*dróma* <*oildrum*). Importa salientar que este termo se refere ao recipiente que os emigrantes bravenses nos EUA usam para enviar víveres, vestuário e outros artigos à familiares e amigos. Este lexema tem o mesmo significado que o termo *bidon*, do português bidão, recorrente no crioulo de Santiago. Segundo o Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde) o termo *bidon*, equivalente a *droma* no crioulo da Brava, “*ta usadu na kása pa konserba midju, ta sirbi tanbi pa pruteji planta di bentu ku limaria*³” e isso também acontece ao recipiente *droma* quando chega à Brava. Importa ainda referir que o termo *droma* é muito utilizado, pois a remessa desses artigos é sistematicamente enviada. Para se chegar à palavra crioula *dróma* o étimo americano sofreu as seguintes alterações: supressão dos fonemas que constituem a estrutura fónica *oil*, parte inicial do termo *oildrum*, dando assim o processo de aférese (*oildrum* > *drum*); há uma regularização fonológica e morfológica da sequência *dru*, inglês americano, para o crioulo da Brava *dro*. O som final da palavra corresponde à estrutura *ma*; esta estrutura formou-se a partir do processo de paragoge ou acrescentamento do fonema /a/ ao consoante oclusiva sonora *m*, conservando a nasalização.

...*pegá un trupida di péxi pa en da djenti gó. -timó gó ka ta fazé nada. Ezi kumó dja is tené **nafu** pa is uzá is podé da djenti.* (Informante nº 1)

...*trabadju di Merka gó é ratxá mar bai. É trabadju ki aaa...kredu. É **tafu**.* (Informante nº 1)

No processo de regularização morfofonológica encontra-se, por vezes, palavras que passam por processos de transformação semelhantes. Estas semelhanças ocorrem porque as palavras étimos apresentam construções internas similares, fazendo com que o falante bravense, perante essas construções, articule as sequências sonoras do mesmo jeito. Por isso, vai-se proceder uma análise paralela das transformações sucedidas nas palavras *enough* e *tough*, *sure* e *store*. As palavras *nafu* e *tafu*, recorrentes no crioulo da Brava, procederam dos étimos *enough* e *tough*, palavras do inglês americano (*nafu* <*enough*; *tafu* <*tough*). Na

³ BRUSER, M. e SANTOS, A. Dos R. **Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Gottingen. Hubert e Co. 2002.

evolução das palavras pode-se ver que ocorrem os mesmos processos fonéticos, com excepção do processo de aférese do fonema /e/ ocorrido na palavra *enough*. De resto, a uma equivalência nas transformações ocorridas entre as duas palavras. Dá-se o processo de monotongação em ambas as palavras, em que o ditongo *ou* transforma-se no monotongo *a*, formando as sílabas *na* e *ta*. A transformação final das palavras *enough* e *tough* dá-se mediante o processo de paragoge ou acrescentamento do fonema /u/, também em ambas as palavras. Este processo acontece simultaneamente ao processo de regularização morfológica da sequência consonântica *gh* existente nas duas palavras. A sequência consonântica atrás referida é pronunciada no inglês americano como um /f/, daí que o crioulo da Brava faz uma regularização morfofonológica da sequência *gh* por *f*.

...*Merka nu tené ideia pa mes di Abril, ma inda nu ka sta xóua. Si ka ten mutu friu, ki friu pasá sedu nu ta ba.....-Mamai, konpó pamó nu sa panha-bu pa nu ba stóua. N ta fra: min sta konpodu. Is ta fra: -unau, bistí.* (Informante nº 1)

Nas linhas a seguir vai-se analisar os processos morfofonológicos inerentes a outro par de palavras: *xoua* e *stoua*. Estas palavras derivam-se de *sure* e *store* respectivamente (*xóua* <*sure*; *stóua* <*store*). Para além do processo de regularização morfológica ocorrido nos termos atrás mencionados nota-se ainda que tanto em *xóua* com em *stóua* acontece o processo de ditongação. Este processo resulta-se mediante a regularização fonológica da sequência sonora *re* para o ditongo crescente *ua*. Para a formação do som *xo* existente na palavra *xoua* há uma apropriação do som da palavra *sure*, dando uma regularização fonológica no crioulo da Brava.

...*ala é ka kumá lí ki frijidéra é pa bu ta popa-l pamó lus...ala frijidéta bu ta pó-l tudu ki bu kré di manera ki bu kumé ka ta daná.* (Informante nº 1)

Frijidéra é um vocábulo existente no crioulo da Brava e proveio da palavra *refrigerator*, inglês americano (*frijidéra* <*refrigerator*) e significa refrigerador ou frigorífico. Antes de se demonstrar as transformações ocorridas no processo de evolução da palavra *frijidéra* importa referir que esta palavra apresenta outro significado no crioulo da Brava. A palavra *frijidéra*, do português frigideira, significa utensílio de metal que serve para frigar ou fritar. Portanto, a palavra em análise diz respeito àquela que se originou do inglês americano.

Na evolução da palavra *refrigerator* para o crioulo da Brava pode-se reparar que há uma regularização morfofonológica que consiste, em primeiro lugar, na parte inicial da palavra formada, pois ali dá-se o processo de aférese da sílaba *re*. A seguir segue-se o processo de

assimilação, em que o fonema /e/, [+ sil; + rec], assimila os traços do fonema /i/, [+ sil; - rec]. Outro aspecto inerente a formação da palavra *frijidéra* prende-se coma questão do acento. No étimo inglês o acento recai sobre a sílaba *fri* (*refrigerator*) enquanto que na palavra originada o acento desloca-se para a sílaba *dé* (*frijidéra*) [ri'fridʒəreitə]> [frizi'dere]⁴.

Pensa-se que o caso maior de regularização morfofonológica está patente na evolução da parte final da palavra (*rator*> *dera*). Como se deu a transformação? No crioulo da Brava encontra-se termos como *banhéra* (recipiente para se banhar), *torradéra* (utensílio que serve para torrar), *kuskuséra* (que serve para fazer cuscuz), *sukaréra* (recipiente onde se coloca açúcar), entre outros. Esses termos, como se pode constatar, designam-se objectos de uso que servem para fazer ou guardar algo, pois constitui uma das acepções do sufixo *éra*, do português eira. Partindo desse pressuposto pode-se induzir que houve um processo de regularização morfofonológica na palavra *frijidéra*, seguindo a lógica de ideia acima apresentada. Para melhor se compreender este facto, toma-se como exemplo o português brasileiro. Neste denomina-se *geladeira* ao termo frigorífico (português padrão), pois serve para fazer ou tornar algo em gelo. Na formação do termo *frijidéra* houve uma regularização do sufixo *éra* para demonstrar a funcionalidade do objecto referido.

...da-m padas di **txungan** lió...un padasinh. (Informante nº 3)

Analisar os vocábulos provenientes do inglês americano sem proceder a análise do termo *txungan* seria uma “traição” ao próprio termo, visto que não se usa outro termo para referir ao conteúdo semântico que em português é designado de pastilha elástica. Mesmo quando não se faz uso do termo *txungan*, usa-se termos provenientes da mesma origem, como sendo *xuingi* ou *xingua*, termos que não foram proferidos pelos falantes durante as gravações. O sinónimo *xingua* é usado por influência do badiu. O termo *txungan* deriva-se de *chewing gum*, termo do inglês americano (*txungan* <*chewing gum*). Para a formação da palavra *txungan* deu-se uma regularização morfofonológica da palavra americana, adaptando ao sistema linguístico do crioulo da Brava. Fonologicamente pode-se notar que o crioulo da Brava assimilou o som [tʃu:], do inglês americano, conservando o traço de nasalidade. A queda da vogal *i* faz com que o ditongo da palavra *chewing* passasse para monotongo. As mudanças fonológicas provocam mudanças morfológicas, pois, como em todas as outras palavras, o código de escrita utilizado requer que se faça a tal regularização.

⁴ Na representação fonética da palavra *frijidéra* usou-se um símbolo parecido com o fonema chiante, pois o suporte tecnológico não dispõe desse dígito.

...ami N kunprá lió na Fogu, ma dja kel kuzas ki nu trazé di Merka di **batirrumu** é...dja é ka kumó...kes di sél. (Informante nº 1)

A palavra *batirrumu* entrou no vocabulário do crioulo da Brava por via do inglês americano, mais precisamente mediante a palavra *bathroom* (*batirrumu* <*bathroom*). Na formação da palavra *batirrumu* está inerente uma regularização morfofonológica, como veremos adiante. No plano morfológico pode-se notar essa regularização na eliminação da sequência de consoantes *th*, seguido pelo processo de epêntese, inserção vocálica do fonema /i/, constituindo o núcleo na formação da nova sílaba; ocorre também o processo de paragoge, levando o acrescentamento do fonema /u/ no final da palavra. Essa regularização morfológica evidente na sequência sonora /oo/, do inglês americano, transforma-se no fonema /u/ no crioulo da Brava, o mesmo som da pronúncia do inglês americano. Com os processos ocorridos nota-se claramente que a palavra se regulariza fonologicamente, integrando no sistema do crioulo da Brava.

...tenpu di sinó...ken ki é moradu na bera di kaminhu ki **saidóka** fiká na...kuma is ta fra **saidóka**, kuma nu ta fra paseiu li, donu ta sintá is ta linpá tudu. (Informante nº 1)

No processo de transformação ou evolução das palavras encontra-se também a palavra *saidóka*. Na origem da palavra *saidóka*, está o termo *sidewalk* do inglês americano (*saidóka* <*sidewalk*). Ao analisar esta palavra constata-se uma regularização morfofonológica que consiste, sobretudo, na conversão do fonema /i/ do inglês americano, pronunciado /ai/, no ditongo *ai* no crioulo da Brava, isso no que concerne à pronúncia e à escrita. Pode-se ver ainda que a posição do acento alterou, pois na palavra *sidewalk* o acento recai na primeira sílaba enquanto que na palavra formada o acento incide na penúltima sílaba, ou seja, a sílaba *dó*, tornando-se uma palavra paroxítona [ˈsaidwɔ:k] > [sajˈdɔkɛ]. Não se quer tirar conclusões precipitadas, mas o contexto de análise permite dizer que, nas transformações das palavras americanas para o crioulo da Brava, as terminações em consoantes são sempre solvidas pelo processo de paragoge. Por isso as transformações não param por aí. Para completar o ciclo transformacional tem-se o processo de paragoge que se resume no acrescentamento do fonema /a/, fazendo com que a palavra do crioulo bravense fique completamente integrado no sistema linguístico do mesmo.

...Djémi ligó na fin kel a pará uns kuation mês pa kadia, ma **santaimi** é ka badi, pamó sigó kumá dja is bai is ta odjá kumó ki é kadia... (Informante nº 1)

Ao analisar a palavra *santaimi*, derivada de *sometime* (*santaimi* <*sometime*,) vê-se que, de um modo geral, acontece os mesmos procedimentos fonéticos. Na palavra *santaimi* dá-se as seguintes transformações: regularização morfofonológica da palavra, começando pela conservação do ditongo nasal, sendo que no crioulo da Brava o grafema [o], grafado no inglês americano, passa a ser grafado como grafema [a]; a consoante oclusiva *m* presente no inglês americano transforma-se em *n*, facto que se explica com a escolha do ALUPEC como alfabeto para grafar as palavras do crioulo da Brava. Essa regularização dá-se também na sequência sonora *ai*, apenas pronunciado no inglês americano e grafado e pronunciado no crioulo da Brava. Ao se pronunciar a palavra *sometime* nota-se que a vogal *e*, tanto na posição medial como final, é proferido como um *e* mudo. Tendo em conta que o sistema fonológico do crioulo da Brava não suporta esta ocorrência há, portanto, uma assimilação da semivogal *i*, fazendo com que a pronúncia final ficasse resumida ao fonema /i/ ao invés do fonema /e/.

...baté é na **londré**. Bu ta baté na kaza si bu ten **londré** si bu ka ten ten londré di stadu.
(Informante nº 1)

Passa-se agora para a origem da palavra *londré*. Esta palavra adveio de *laundry*, inglês americano (*londré* <*laundry*). Na evolução de *laundry* para *londré* aconteceram os seguintes processos fonéticos: regularização morfofonológica da sequência americana *aun* em *on*, (*aun* <*on*), pelo que o crioulo da Brava mantém o traço de nasalidade do étimo; a evolução da sílaba *dry* para *dré* pode estar ligada à palavra *launder* pertencente a mesma família. Se se considerar que a sílaba “dré” se formou a partir da palavra *launder*, houve um processo fonético designado de metátese, pois os fonemas /r/ e /e/ passaram a ocupar as posições central e final respectivamente. Isto quer dizer que houve uma mudança de posição entre os fonemas referidos. Mas se a sílaba *dré* originou-se de *dry*, o que parece ser mais evidente, pode-se dizer neste caso que houve uma regularização morfofonológica do som americano no crioulo da Brava, em que o fonema /y/ converte-se num /e/. Outro aspecto saliente na transformação da palavra *launder* para *londré* tem a ver com posição do acento. Na formação do vocábulo *londré* nota-se que houve uma deslocação do acento da primeira para a última sílaba, tornando-se uma palavra oxítona [ˈlɔːndri] > [lõˈdrɛ].

...Natal is ta pará un, dos ó tres dia ó kuantu. Abes is ta fazé gó kel festa. Ma djenti na Merka kaza é **fatré**... (Informante nº 1)

Semelhante ao termo *londré* tem-se a palavra *fatré*. É usual ouvir um bravense, sobretudo um emigrante, pronunciar o vocábulo *fatré*, pois muitos bravenses trabalham nas

fábricas americanas. A palavra *fatré* deriva-se de *factory*, inglês americano (*fatré* <*factory*). No processo de evolução da palavra *factory* para *fatré* pode-se notar que a regularização morfofonológica se dá com a queda do fonema /k/ grafado, eliminando a sequência consonântica *ct*; a sílaba *tré* da palavra *fatré* se formou mediante a pronúncia /təri/ da sequência *_tory* da palavra *factory*. Partindo disso pode-se dizer ocorreu o processo de metátese na pronúncia /təri/, fazendo com que houvesse a queda da vogal *i* e uma conseqüente mudança de lugar dos fonemas /r/ e /e/ de final e central para as posições central e final, originando a sílaba *dre*. Esta sílaba ganha mais expressividade com a deslocação do acento da primeira sílaba da palavra americana, para a última sílaba do termo formado, [ˈfæktəri] > [faˈtrɛ].

...*Si nu moré li é midjor di ki la, pamó la é grandí prubulema pamó nu ka ten xorensu, Merka é grandí prubulema...* (Informante nº 1)

Continuando com a análise evolutiva das palavras originárias do inglês americano, vai-se proceder agora à análise do termo americano *insurance* que evoluiu para *xorénsu* no crioulo da Brava (*insurance* > *xorensu*). Na formação do vocábulo crioulo *xorensu* estão inerentes os seguintes procedimentos: aférese da sílaba *in* existente na palavra americana. Este processo resume naquilo que Ferdinand de Saussure denomina de lei do menor esforço. No processo de regularização morfofonológica constata-se que o som da sílaba *su* do inglês americano é assimilado, tornando-se *xo* no crioulo da Brava. A palavra crioula ganha um novo perfil com a deslocação do acento. Na palavra americana o acento recai sobre a segunda sílaba [inˈʃuərəns], e na formação da palavra *xorénsu* o acento desloca-se para a penúltima sílaba [ʃoˈrɛ̃ˈsu]⁵. Embora a palavra americana apresente o grafema final [e] sabe-se que na pronúncia, este grafema assume as características dum *e* mudo. Para suprir as exigências do sistema linguístico bravense, faz-se uma regularização de carácter fonológica acrescentando o fonema /u/ à pronúncia americana. A base da formação do lexema *xorénsu* consiste no processo de regularização morfofonológica.

...*N ta sta ta kenta-l na makrueivi ma des di palmanha N tira-l di jiléra.* (Informante nº 1)

Se na evolução da palavra *xorensu* e das restantes referidas está o processo de regularização morfofonológica o mesmo se pode dizer quanto a formação da palavra

⁵ O til que indica o traço de nasalidade não se encontra por cima do fonema /e/ devido à insuficiência tecnológica.

makrueivi. Este vocábulo do crioulo da Brava tem as suas raízes etimológicas na palavra americana *microwave* (*makrueivi* <*microwave*). A regularização morfológica e fonológica é bem patente, pois o som da sílaba *mi* [mai] é regularizado no crioulo bravense como *ma*, com a queda o fonema /i/. A sequência *cro* regulariza-se em *cru*, por influência do som americano [krəu]. Pode-se notar que, na escrita, o grafema [a] se transforma no ditongo *ei*, transferência directa da pronúncia. À semelhança da palavra *xorénsu* o *e* final da palavra *microwave* não é pronunciado no inglês americano. Mas no crioulo da Brava dá-se o processo de assimilação em que o fonema /e/ assimila os traços sonoros do /i/ [-rec; +alt], resultando numa assimilação completa.

...*Vi gó dés ke sa konpó. Vi, ó Vi, txapu-txapu pamó dja nu perdé um karu, inda alé Juan Pedru la ta bai, Ginelo dja bai dja nu perdé...* (Informante nº 3)

Os bravenses costumam ser caracterizados como sendo calmos, mas quando querem apressar as coisas costumam utilizar a expressão *txapu-txapu*. Esta palavra adveio da palavra *chop-chop* (*txapu-txapu* <*chop-chop*). Segundo Deirdre Meintel este termo pertence à gíria inglesa e tem o mesmo significado que a palavra *fast* ou *right away*.

Por se derivar duma palavra justaposta crê-se que essa característica mantém e a forma como os falantes bravenses articulam-na demonstra o que se disse. É evidente verificar que na formação da palavra *txapu-txapu* há uma regularização morfofonológica, resultando em processos transformacionais inerentes à referida palavra. O som [tʃɔ], do inglês americano regularizou-se no som [tʃa], crioulo da Brava. Na palavra *txapu-txapu* nota-se ainda que os dois compostos da palavra terminam pelo fonema /u/, resultado do processo de paragoge.

...*txapa gó ka sa na moda mas. Bedju djentis grandi ta gostá di bistiba kalsa tudu txapa-txapa, ma gosi dja ka sa bistidu mas...* (Informante nº 3)

A palavra que se vai analisar agora apresenta algumas parecenças com o termo já analisado. Trata-se do vocábulo *txapa-txapa*. O processo de justaposição é formado pelo mesmo composto, ou seja, *txapa*. Deirdre Meintel, no seu estudo realizado sobre o crioulo da Brava, escreve *čɔpa* e interroga quanto a origem dessa palavra, remetendo-a para a palavra *chop* como seu étimo. A indicação que Meintel faz da palavra *chop* como possível étimo da palavra *čɔpa* é digno de aceitação, pois os dicionários averbam que o termo *chop* significa cortar, talhar, cortar em pedaços e para os bravenses *txapa* quer dizer pedaço de pano que serve para emendar peças de vestuário ou outro acto de concertar. Daí que o termo *chop* faz

sentido. Tomando o termo *chop* como sendo étimo da palavra *txapa* pode-se então representar a origem da palavra *txapa-txapa* da seguinte maneira: *chop* > *txapa* > *txapa-txapa*. Visto que a palavra *txapa-txapa* deriva de *txapa* e que os compostos são os mesmos que a palavra *txapa* vai-se então analisar a última derivação, ou seja, o composto *txapa-txapa*.

Analisar essa palavra é o mesmo que repetir as evoluções ocorridas na palavra *txapu-txapu*, ou seja, dá-se a regularização morfofonológica da palavra, com incidência na sequência sonora [tʃɔ], do inglês americano, que transformou em [tʃa], crioulo da Brava; a exceção reside nos casos de paragoge em que o fonema /a/ é o elemento acrescentado.

A análise das palavras crioulas de origem americana aponta para um processo linguístico muito evidente – a regularização morfofonológica dessas palavras no crioulo da Brava. Todas as palavras analisadas evidenciam este facto durante o processo de formação. Importa salientar também que essa análise não foi exaustiva, pois existem palavras registadas no levantamento que se fez que não foram analisadas, como por exemplo: *Skapu*, *blufixa*, *bel*, *sanababitxa*, *mixinhu*, *gradjuí*, *sinó*, *iá*, *oiá*, *renki*, *tropa*, entre outras.

3.2 – Casos de paragoge

Como é sabido o processo fonético designado de paragoge consiste no acrescentamento de um fonema no final da palavra em evolução. Este processo é muito recorrente, pois ao contrário do que acontece no inglês americano em que o sistema linguístico deste permite a conservação de consoantes na posição final, o crioulo bravense, salvo algumas exceções como é o caso da consoante *l*, *n*, *s*, não permite a ocorrência de consoantes na posição final. Como forma de solucionar esta situação existente no sistema linguístico do inglês americano há uma adaptação das palavras, ou seja, há uma regularização morfofonológica que se baseia, essencialmente, no processo de paragoge. Este processo ocorre em palavras como:

1. *Txekapu* <Check up: (...é fa-m: *kuandu kin kabá tomá kel, ke pan go torá ba fazé un txekapu, pamó N ka podé tomá kel forti tudu tenpu...*) (Informante nº 1).
2. *Loka* <Lock: (...ta fazé *sinó ki porta di karru ta loka.*) (Informante nº 4).

3. *Troka* <Truck: (...inda na merka kis karru ki ta koré li ki é moda ses karrinhu kis ta karegá djenti kumá di Pépé ku ezi ki é moda **troka**, ala na kis karru algen ka ta anda...) (Informante nº 1).
4. *Bata* <Bath: (...botá agu é ka nada. Agu el ta bota-l na karker kuza. Bu podé liga-l na toléti, bu podé liga-l na **bata**, bu podé liga-l nun baldi...) (Informante nº 1).
5. *Bega* <Bag: (...trazé un karga di péxi pu en da djenti gó. Ben ranjá **bega** pu pó pu da djenti...) (Informante nº 4).
6. *Badi* <Bad: (...Djémi ligó na fin kel a pará uns kuantu mês pa kadia, ma santaimi é ka **badi**...) (Informante nº 1).
7. *Ringi* <Ring: (...ubi, fra-l kumó se el dja pensá na nha priposta pa el podé ben; el ta da-m un **ringi**, só si é sin ó nau...) (Informante nº 5)
8. *Bigi* <Big: (...vovo gó di sel é sabi, a ama é gran...**bigi**, grand...) (Informante nº 1).
9. *Strapu* <Strap: (...okei, nu ai, nu ai, aaa...N skisé di pó **strapu**...) (Informante nº 6).
10. *Stopi* <Stop: (...**stopi** Ruben, suja-m nha saia kin tené linpu gosí...nen ka bu ben.) (Informante nº 3).
11. *Zipi* <Zip: (...**zipi** di kalsa. **Zipi** kalsa...**zipi** sa drétu é pa sia.) (Informante nº 3).

Segundo Rita Marquilhas “a inserção de segmentos vocálicos em posição final, que tem o nome de paragoge, contribui também para uma reestruturação silábica, deixando a sílaba de apresentar uma consoante implosiva” (Marquilhas in Faria, 1996:574). Como se pode reparar o processo de paragoge ocorrido nas palavras acima demonstra que há uma reorganização da estrutura silábica da palavra formada, fazendo com que a consoante final passe a constituir uma sílaba.

3.3 – Casos apenas de regularização morfológica

Como já se viu, o processo de regularização pode acontecer em dois planos: fonológico e morfológico. Mas no *corpus* em análise constatou-se que no crioulo da Brava existem palavras que não sofreram alterações fonológicas e sim morfológicas. Para este caso tem-se os seguintes exemplos:

1. *Meibi* <Maybe: (...sé algun minizu is ta fra: mamai ka sta. Ó **meibi** é Xixi ki txoma.) (Informante nº 1).
2. *Stil* <Still: (...el ta fra, el ka fazeba, ma mi **stil** N ka ta karditá.) (Informante nº 1).
3. *Tivi* <TV: (...Merka gó ben lebiá sinó...Npó, Portugal bedju ka ta kaiba, ma dja djé sa ta kaí ta fazé monti. As dia lió nu saba ta odjá na **Tivi**.) (Informante nº 1).
4. *Beibi* <Baby: (É sa dréту. Sa el ku sé **beibi**.) (Informante nº 7)
5. *Fain* <Fine: (-Ia tudu bon. -Nhus sa dréту, nhus sa **fain**.) (Informante nº 6).
6. *Biznis* <Business: (... undé bu sta bai? – é ka di bu **biznis**.) (Informante nº 3).

Se se consultar um dicionário de inglês pode-se certificar sobre a pronúncia dos étimos *maybe*, *still*, *TV*, *baby*, *fine* e *business* são: [meibi], [stil], [ti] / [vi], [beibi], [fain] e [biznis] respectivamente. Como se pode ver as transcrições fonológicas demonstram que há uma equivalência de som entre a pronúncia das palavras do inglês e a grafia dessas palavras no crioulo bravense. Isto é, a grafia das palavras no crioulo da Brava é diferente da dos seus étimos, pois é conhecida a extrema divergência entre fala e escrita no inglês.

Esta proposta de escrita é passível, pois, de ser aceite, embora provisoriamente, dado que entre o inglês americano e os americanismos no crioulo da Brava têm obrigatoriamente de existir diferenças (no que concerne à escrita). O inglês americano tem o seu alfabeto padronizado que lhe permite representar a sua grafia enquanto que o crioulo da Brava constitui uma variante, que se insere num sistema linguístico maior, que é o crioulo de Cabo Verde, e este ainda está em vias de padronizar uma proposta de alfabeto. Para representar graficamente as palavras derivadas do inglês americano utilizou-se o ALUPEC, uma proposta de escrita que está em experiência para possível padronização. Visto que se utilizou esta proposta de alfabeto, torna-se óbvia a regularização morfológica na transformação das palavras, pois há discordâncias entre os dois modelos de alfabeto – o alfabeto inglês americano e o ALUPEC.

3.4 – O crioulo como reflexo da história bravense

Mediante a análise feita no ponto anterior constata-se que existem diferenças entre o corpus em análise e o levantamento feito por Deirdre Meintel em 1975. Pode-se constatar que, apesar da distância temporal entre os dois estudos, muitos termos presentes no crioulo da Brava e que são originários do inglês americano coincidem com termos presentes no

levantamento feito por Meintel. Por outro lado, o corpus em estudo regista novas entradas lexicais o que indica que a língua, neste caso o crioulo da Brava, não é estático e se encontra em constante evolução. O assunto em questão não é propriamente a mudança sincrónica relativamente ao crioulo da Brava e sim demonstrar as raízes etimológicas das palavras atrás aludidas. O que se pretende aqui são, para além de outros aspectos, demonstrar as razões históricas que estiveram ou que estão na origem das palavras do crioulo da Brava provenientes do inglês americano.

Em 1985, numa mesa-redonda sob o tema “Identidade Cultural”, o linguista Manuel Veiga discursou, proferindo as seguintes palavras: *ka tem midjor*⁶ *biblioteca, midjor arkivu o ensiklopédia di saber ki própi língua*⁷. O mesmo autor continua dizendo que a língua constitui um *refléksu di realidadi* de um povo. A afirmação de Manuel Veiga caracteriza a língua como depositário de conhecimento, de relíquias e de cultura de um determinado povo. Se assim é pode-se afirmar de forma destemida que o crioulo da Brava constitui um *arkivu* onde se regista realidades históricas dos falantes bravenses. Essa realidade histórica está reflectida nos vocábulos provenientes do inglês americano existentes no crioulo da Brava.

Crê-se que a principal razão histórica inerente à formação e o uso desses termos tem a ver com o fenómeno da emigração. O homem cabo-verdiano é por vezes caracterizado como aquele que bem cedo deseja emigrar. No limiar desse ensejo está o homem bravense, que desde muito cedo se aventurou nas ondas atlânticas em busca de melhores condições de vida. A emigração para os Estados Unidos da América começou desde muito cedo e se acentuou ainda mais no século XIX, pois grande era a actividade dos navios baleeiros nos mares do arquipélago. Segundo Medina dos Santos citado por Carreira, os *navios de baleia que, no primeiro decénio do século XIX, passaram a vir pescar para os mares do arquipélago, faziam aguada e os fornecimentos de frescos, especialmente na ilha Brava. ...Os capitães daqueles navios passaram também a contratar homens para trancadores de baleias, facto que teve repercussão na tradição da história das ilhas* (Carreira, 1983:66-67). Medina dos Santos diz ainda que o *primeiro cabo-verdeano de que há notícias em terras da América...um tal José da Silva que nasceu na ilha Brava em 1794, embarcou nos baleeiros não se sabe em que data....* Mas Carreira refuta a ideia de Medina, dizendo que *a entrada de cabo-verdeanos na América do Norte, levados pelos navios baleeiros desta nacionalidade processou-se mais de*

⁶ Palavra escrita segundo a ALUPEC

⁷ *Língua, Cultura y Identidadi* por Manuel Veiga. In: **Mesa Redonda sobre Identidade Kultural**. Praia 10-15/06/1985. Pág. 2.

um século antes da data indicada por Medina dos Santos («primeiro decénio do século XIX») (Carreira, 1983:66-67). Posto isto, o importante aqui não é indagar sobre a data exacta da emigração, mais particularmente dos bravenses, até porque não constitui objecto do trabalho, mas sim saber que foi mediante a actividade piscatória que se deu o fluxo dos emigrantes bravenses para a América do Norte. Essa actividade fez com que os bravenses entrassem em contacto com as terras norte americanas e ali fixassem residência em cidades como Pawtucket, Bóston, Providence, New Bedford, entre outras.

O fenómeno da emigração fez com que os bravenses criassem uma “cultura de auxílio”, pois daquele que emigra sempre se espera remessas de dinheiro, vestuário e de alimentos. Esta “cultura de auxílio” começou desde dos primórdios da emigração, pois algumas crises pelo que a ilha Brava já passou foram atenuadas por bravenses residentes nos Estados Unidos da América. O homem bravense tem uma cultura de emigração muito forte, pois muitos bravenses têm familiares e amigos nos EUA e vivem na expectativa de um dia emigrarem.

Para muitos bravenses a América constitui a segunda pátria. Essa forte relação é também manifestada no crioulo da Brava. Crê-se que a existência de termos crioulos originários do inglês americano é resultado da convivência entre o homem bravense e o inglês americano. Os emigrantes bravenses quando regressam à terra, para além de trazerem consigo dólares, trazem também influências linguísticas verificado numa constante criouliização de termos do inglês americano. Esses termos integram-se no sistema linguístico do crioulo da Brava e paulatinamente são assimilados pelos outros falantes. Esses falantes figuram-se como “semeadores” desses termos e pouco a pouco vão fazendo parte do saber linguístico do falante bravense. Na ocorrência dos termos pode-se notar que alguns são mais usados do que outros e que alguns até podem ser considerados arcaicos. Esse factor deve-se ao facto da língua ser um “instrumento vivo”, dinâmico, em constante evolução.

Perante esses factos pode-se perguntar: Qual é o futuro que se perspectiva para o crioulo da Brava face a este fenómeno linguístico? Qual é a tendência linguística? Não se quer aqui desenvolver o papel de futurologista no que tange ao futuro do crioulo da Brava, pois o tempo dará a resposta. Hoje em dia emigrar para os Estados Unidos da América é cada vez mais difícil face aos acontecimentos actuais. Mesmo assim o sonho dos bravenses não se desvanece. Mas se a emigração contribuiu para o fenómeno linguístico existente no crioulo da Brava a deportação poderá ter a sua cota parte. Como se sabe nos últimos tempos a Brava tem recebido uma vaga de deportados provenientes dos Estados Unidos da América. Esses deportados, pelas dificuldades encontradas no processo de integração ou reintegração social,

por vezes procuram estar à moda americana, utilizando entre eles o inglês americano como língua de comunicação. Esse procedimento, por vezes caracterizado como um foco de micro cultura, pode ter um papel influenciador e fazer com que novas palavras americanas sejam crioulizadas e façam parte do léxico bravense. Mas isso, como já se disse, o tempo responderá a tais inferências.

Os vocábulos de origem americana existentes no crioulo da Brava demonstram a veracidade da afirmação feita por Manuel Veiga de que a língua constitui *refleksu da realidadi*⁸, pois reflectem a história e a realidade dos bravenses.

⁸ *Língua, Kultura y Identidadi* por Manuel Veiga. In: **Mesa Redonda sobre Identidade Kultural**. Op. Cit. Pág. 1.

CAPÍTULO IV

REFLESAN SOBRI SKRITA DI KRIOLU

Di akordu ku palavras di linguista Manuel Veiga profiridu na “Fórun sobri valorizasan di língua kabuverdianu”, realizadu na Julhu di 2002 na Asenbleia Nasional, *na ensinu supirior, tantu alunus kuma profisoris debe invistiga, debe kria material didátiku*⁹. Es afirmasan di Manuel Veiga surjé nun kontéstu di ensinu di kriolu, undé ki, simá el ta fra, alunus, dja nun nivel bastanti ilevadu, y profisorzi é kapas di produzí material didátiku ki ta kontribuú pa ensinu di kriolu. Pamó, simó nu sabé, el ta difendé ki ensinu di kriolu debé kumesá di riba pra baxu, ou seja, di ensinu supirior pa ensinu báziku. Es kapítulu ligóra é di karater investigativu, pur isu el sta na linha di ideia di kel afirmasan di Manuel Veiga ki nu sitá; tanbé el ta obedesé regulamentu di trabadju di fin di kursu ki ta fra ma alunus debé dezvolté kapasidadi di invistigasan y es debé produzi kunhisimentu sientífiku.

Es kapítulu, ki ten komu título, reflexan sobri skrita di kriolu, ten kumó prinsipal obejetivus, valorizasan di língua kabuverdinu, kel ki ta identifika povu kabuverdianu, más partikularmenti, kezi ki ta papiá kriolu di Djabraba y tanbé kontribuú na divulgasan di skrita di kriolu, pamó simá nu ta odjá, nu disidí skrebé es kapítulu na kriolu di Djabraba, uzandu alfabetu unifikadu pa skrita di kriolu (ALUPEK). Nu ta konsiderá má reflití sobri algu moda skrita di kriolu é bastanti inportanti, pamó si nan Dikréto-Lei nº 67/98, di Dizenbru, ki sirbí pa aprová ALUPEK ka ta fraba kis palavra li: *...sendo o crioulo a língua do quotidiano em Cabo Verde e elemento essencial da identidade nacional, o desenvolvimento harmonioso do País passa necessariamente pelo desenvolvimento e valorização da língua materna. Porém, esse desenvolvimento e valorização não serão possíveis sem a standardização da escrita do crioulo ou seja da Língua Cabo-verdiana...* (I Série nº 48-SUP. «B.O.», 1998: 18).

⁹ *Valorizason di Kriolu na Pós-Independência* pa Manuel Veiga In: “Fórum sobre a Valorização da Língua Caboverdiana. Julho de 2002. Pág. 6.

Des di tenpus pasadu skrebé kriolu jerá algun diskusan, sobritudu na meu di kis más intelektual. Kumó nu sabé Eugénio Tavares foi di kis prumerus pueta kabuverdianu ki utilizá kriolu na konfesan di sé testus puétiku. Ma si nu konsultá sé obra, “Mornas Cantigas Crioulas”, obra undé nu tirá alguns puéma ki sirbí di obijetu di analzi na kapitulu III, nu ta repará ki sé skrita éra obejetu di kontestasan pur parti di otus intelektual, pur izenplu, Pedro Cardoso. Oji en dia es diskusan ta kontinuá na determinadas kamada di susiedadi, pamó mesmu ku kis studu ki dja fazedu sobri kriolu y ku kis rezolusan ki dja tomadu pa ensinu di kriolu, numeadamenti kel rezolusan ki tomadu pa aprovasan di ALUPEK, ki pa muitus é un ixsilenti instrumentu pa insinu y aprendizaji di kriolu, mesmu asin txeu pesoas ka ten kunhisimentu di kis fáketus lí, inda kriolu é ka inxinadu nen na ensinu báziku nen na sekundáriu, apenas na alguns instituisan di formasan ISE (Instituto Supirior di Idukasan) e na IP (Instituto Pedagójiku) pur isu txeu pesoas ta skrebé kriolu di sis manera, asin kumó Eugénio ta fazeba.

Pa enrikisimentu di es reflesan en tornu di skrita di kriolu nu ilaborá un kistiunáriu sentradu na skrita di kriolu, ki ten kumó prinsipal obejetivus, odjá atitudi di informantis en relasan a purtugés y kriolu, frikuénsia di uzu ki kada informanti ta fazé des dós língua, sis atitudi peranti kriolu y skrita di kriolu na diferentis informantis. Pa konkretizasan di nós obejetivus nu kistioná serka di vinti informanti konstituidu pa prufisorzi di ensinu báziku, alunus di Brava ki sta na formasan na ISE y alunus di sugundu y treseru siklu di liseu “Eugénio Tavares”.

Nos kistiunáriu ta revela-nu un fáketu ividenti ora ki tudu kis informantis ta rispondé ki língua di sis pai é kriolu y ki na kaza is ta uzá kriolu pa is papiá entri ezi. Nu ta fra ma es fáketu é ividenti pamó simó nu sabé kriolu é língua materna na Kabu Verdi y pur isu kis prumeru palavra ki minunu krioulu ta prendé ora kel nesé é na kriolu, língua di sé mai y di sé pai. Sima nu odjá des di bersu mininu ta kumesá ubi kis prumeru son na kriolu, na kaza el ta kumaniká ku sé família na kriolu, na susiedadi, ku sé amigus y otus el ta uzá kriolu. Isu ta leba-nu a fra ma na planu oral, ou seja, na dumíniu di funksionalidadi di língua tudu ezi ta itilizá kriolu pa is kumaniká. Si na dumíniu di oralidadi kriolu ten un lugar di distaki, dja na planu di skrita kriolu sta nun patamar mutu aken. Di akordu ku kistiunáriu aplikadu nu obeservá ma atitudi di informantis en relasan a purtuges y kriolu é un relasan di formalidadi y informalidadi. Es relasan fiká dimostradu na resposta di informantis ora ki maioria ta fra ma is ta uzá purtugés skluzivamenti pa is skrebé; y kuandu alguns informantis ta utilizá tantu kriolu y purtuges pa is skrebé is ta utilizá kriolu na kazu di grau menus formal, moda na cazu di

fazé un konviti ó un publisidadi. Manuel Veiga dja fraba na menza rodundu sobri identidadi kultural rializadu na 1985 na altura di désimu aniversáriu di independénsia di Kabu Verdi, ma *oki na un pais statutu di língua matérnu ta sta konfrontadu ku un otu língua stranhu¹⁰ o stranjeru¹¹, ki na txeu¹² aspétu ta substituí-lo ta okupa si própi lugar, ta kontise ki kel língua la ta perde pristiju¹³ y ta inpobrise pur kauza di perda di funksionalidadi, pur kauza di perda di un dinamismu linguístiku intérnu y stérnu¹⁴*. Nu podé fra ma na situasan formal di kumanikasan y na skrita purtuges ten primazia sobri kriolu. Nu podé fra també ki purtuges é língua di skrebé y kriolu é língua pa papiá.

Nu ta perguntá: pamodi ki purtuges é língua di skrebé y kriolu é língua di papiá? Si bida di omi kriolu é fetu na kriolu, ora ki el ta kunprá ó bendé el ta fazé-l na kriolu, divirtí ku amigus el ta divirtí na kriolu, sé sa kantá el ta prifirí kriolu, nu podé fra ki el ta pensá na kriolu, pamodi ki ora ki el ten ki skrebé el ten ki ta utilizá purtuges? Pamó ki na skola alunus podé pensá na kriolu ma is ka podé traduzí sis pensamentu pa papel na kriolu? Kis pergunta lió y otus ki podé surjé é pergunta ki pa is ser respondedu é nisisáriu ki nu lebá en konta un konjuntu di fatorzi ki mas dianti nu ta odja.

Simó nu sabé kriolu ka ta gozá di mesmu statutu ki purtuges. Sé statutu ta konfiri-l grau di utilizasan somenti na lugarzi y na situasan di kumanisan informal; el é konsideradu kumó língua maternu enkuantu ki purtuges é língua ofisial y sé statutu ta da-l pusibilidadi di ser faladu na kis lugarzi y na situasan formal di kumanisan; skrita é bazikamenti na purtuges pamó kriolu, apisar di el ten un pruposta di alfabetu (ALUPEK) en via di sprimentasan, aprovalu na asenbleia, ma inda el ka ta ensinadu na kis kamada elimantarzi y el ka ta utilizadu pa inxina na skola. Simó linguistas ta fra, kis fatorzi lió ta fazé konki entri purtuges y kriolu ka ten un relasan di paridadi. Y kis mesmu fatorzi lió ta lebá falantis di kriolu, kumó na kazu di nos informantis, vivé entri dos mundu linguístiku – un língua pa skrebé, ki é purtuges, y otu pa papiá, ki é kriolu.

Konfrontadu ku opesan di skodjé purtuges ó kriolu kumó língua di Kabu Verdi dizaséizi informantis afirmá ki is ta skodjé kriolu. Na bazi des skolha pode sta aspetu susial, kultural y stórika ki lebá kis informantis a skodjé kriolu. Pamó kriolu é un ilimentu kultural ki ta

¹⁰ Palavra skritu di akordu ku ALUPEK

¹¹ Palavra skritu segundu ALUPEK

¹² Palavra skritu ku bazi na ALUPEK

¹³ Palavra skritu di akordu ku ALUPEK

¹⁴ *Língua, Kultura y Identidadi* por Manuel Veiga. In: **Mesa Redonda sobre Identidade Kultural**. Op. Cit. Pág. 5.

identifiká omi caboverdianu pa undé ki el bai. Sirá ki es skolha é ka pensadu apenas na dumíniu di oralidade? Razan di fazé es pergunta é ki nós informantis respondé ma skrebé na kriolu é difísil y konsikuénsia des fáketu fazé ki seizi informanti ka skrebé na kriolu y kézi ki skrebé fazé-l di un forma tímidu. Kis informantis ki skrebé kriolu skrebé-l di un forma bastanti diversifikadu, nu podé fra, kada un skrebé di sé manéra. Pa konprová es diversidadi na skrita di kriolu nu ta tomá kumó izemflu skrita di dós informantis.

Skrita 1

Agó an ca ta ofrecebó um flor pamode an ca tem jardin, mês an te dabu nha amor. Si na meio de dose pedra nasce um rosera onde que floresce rosa, també na meio de nose coração te nasce amor ondi el te florescé felicidade. Si um dia bus ta na djanela te ócha tchuba ta bem di nuven te bate na rosto ca bu fica triste pamoda cada gota di agu é um bejo quim te mandabu cu tudu amor pa bu que squicé di mi. Bu recordação é pa tudu sempre an tem gravado bó na nha mente tudu amor qui bu faze'm na lugar onde qui nu bai di djunto qui nunca mase an ca ta squicé di bo.

Skrita 2

Fidjú é ixemplo di paise, por isso ki karati di pai cú mai têm um infjuênça sobri fidjú, y cúmó kiss`tá transmiti y é ness manéra ki fidjú tá ódja pá paise cúmó um ixemplo y iss tá busca apoio, afeto. Y paises débé sta cienty tê kiel tá da prioridadi na sê familia y pa ribá di tudo iss débé têm dominio na siss imoçao, rasspétá dependência di fidjuss na relaça`pa cú éss. Éss é dissiplinadores mas é cú cuidado pá ka busa di autoridadi kiss têm. Y cusa kié mass importanti ki um pai débé fazê pá sê fidjú é ama sê mai, y falta dess atitudi, têm um ifeito grandi na fidju, principalmenti quando iss stá ta birá grandi. Y pá isso sucesso na tudo cusá stá na condiçao di curaçao di cada djente y na sê formação.

Es dós izemflu ta dimonstrá ki infomantis skrebé ku bazi na itimolojia. Peranti es fáketu nu podé fla ki pa is skrebé na kriolu is tomá purtuges kumó lingua di refirénsia. Di akordu ku Dulce Pereira mudansa linguístiku ta kuntisé txeu bés dividu a inizisténsia di normas, nomiadamenti normas skritu. É justamenti falta di un alfabetu ofisial pa skrita di kriolu ki ta lebá pesoas a skrebé di forma diversifikadu, simá sta na izemflu dadu. Nu ta sitá Dulce Pereira óra kel ta fra kis palavra li: *não havendo a instrução em crioulo, o simples facto de saber escrever revela que o falante em causa teve um contacto privilegiado com outra língua, o que torna o seu crioulo, sobretudo quando em situação de escrita, vulnerável à influência dessa língua* (Pereira, in Faria, 1995:555). Linguistas dja fra ma un lingu ki sta buská padronizasan di sé alfabetu el ka debé skodjé skrita itimolójika. Pamodi ki, mesmu oji ki sta

lutadu pa padronizasan di alfabetu kriolu, nu ta enkontrá djenti ta skrebé ku bazi na skrita itimolójika? Nu ta mostrá dos razan pa nu rispondé es pergunta. Prumeru razan é ki nós informantis y otus pesoas ki ta skrebé di akordu ku skrita itimolójika ka ten kunhisimentu di un alfabetu midjor, nes kazu ALUPEK, simá is rispondé na kistiunáriu, nunca is ka inxinadu nen na kriolu nen skrebé kriolu. Ma nu podé torná perguntá: y kis informantis ki studá na Inxtitutu Pedagójiku y kezi ki sta ta fazé kursu di Studus Kabuveridanu y Purtugezi ki ten kunhisimentu di ALUPEK? Kalé ké mutivu di is skrebé ku suntu prosimidadi di skrita itimolójiku ó di is ka skrebé? Pa nu rispondé es pergunta nu podé poi txeu ipótiszi: talves, mesmu ku kunhisimentu di ALUPEK, is ta skrebé ku bazi na skrita itimolójika pamó kriolu é ka ofisializadu e nen inxinadu y pur isu ka ta inportá skrebé ku normas; talves kel tenpu di aprendizaji na skola é kurtu y é somenti pa kunpri izijénsia kurikular; talves é pamó lingua ki is sa mas familiarizadu ku el en termus di skrita é purtuges y kuandu is ta skrebé na kriolu is ta dixá pasá kis influensia di purtuges sima is revelá na kistiunáriu.

É tristi ora ki pesoas ta revelá un aversan pa skrita di sis propi lingua. Y razan disu é pamó is ka inxinadu skrebé-l. Isu ta kontribuí tanbé pa fortalisimentu kada bes mas di situasan di diglusia. Pa konstrusan di un bilingismu finsional na Kabu Verdi é nisisáriu tanbé stimulé skrita di kriolu. Na kel mesmu forun ki dja nu rafiriba realizadu na Julhu di 2002, Manuel Veiga fra ma *konbate diglosia ta siginifika rastitui diginidadi y prestíjiu pa Kriolu, através di skrita, di ensinu, di uzu di Kriolu na situasons formal y informal di kumunikason, enfin, através di si ofisializason*¹⁵. Es mesmu autor y na es mesmu fórun é fra tanbé ma *valorizason di Kriolu dja spéra txeu, dja é*¹⁶ *ka pode spera más...é presizu bai pa dianti, y kel-la ta siginifika: stimula skrita, forma profisoris, kria gabinetis ba produson di material didátiku, insentiva investigason aplikadu, atribui*¹⁷ *bolsas na dominiu di linguístika*¹⁸. Simá linguista Manuel Veiga fra un di kis kuza ki podé ser fetu pa rastitui kriolu diginidadi y pristíjiu pa sé valorizasan é stimulé skrita di kriolu. Pa stimulé skrita tanbé é nisisáriu forma profisorzi, ilimentu fundamental na es prusésu, é presizu tanbé kriá gabinetis undé ki ta produzidu material didátiku medianti investigasan. Ma riba di kis fáketus li mensionadu ten un aspetu ki ta pezá mas y ki ta dizenkadiá tudu kis otu. Purtantu, es aspetu, simá el ta fra, é ofisializasan di kriolu.

¹⁵ *Valorizason di Kriolu na Pós-Indipendência* pa Manuel Veiga In: “**Fórum sobre a Valorização da Língua Caboverdiana**. Op. Cit. Pág. 9.

¹⁶ Palavra staba sen asentu y el asentuadu.

¹⁷ Palavra kurijidu pamó staba ta falta letra r.

¹⁸ *Valorizason di Kriolu na Pós-Indipendência* pa Manuel Veiga In: “**Fórum sobre a Valorização da Língua Caboverdiana**. Op. Cit. Pág. 5.

Sima nu sabé sforsu pa stimulá skrita di kriolu ta ganhá mas konsisténsia ora ki el ten un alfabetu standardizadu ki ta sirbí pa inxiná, kuandu el ta papiadu tantu na situasan formal y informal di kumanikasan, ets. Kriolu ten un pruposta di alfabetu bastanti funksional, ki é pruposta di ALUPEK, aprovalu na asenbeleia pa ser sprumentadu. Manuel Veiga ta fra *ma ninhun alfabetu di mundu é totalmenti difinitivu y ma ninhun skrita é kompletamenti státiku, nu pode konsidera ma ALUPEK é un bon bazi pa ensinu di kriolu*¹⁹. Otus linguista ta partilhá di es mesmu opinian di ki pruposta di ALUPEK é ekonómiku y el ta trazé txeu vantaji na aprendizaji di skrita di kriolu. Ma nu sa kuazi ku un dékada ki aprovalu kel rezolusan di ALUPEK pa spriensia y até uji ka tomadu ninhum disizan kuantu a sé padronizasan ó nau. Y kuandu ka ten un alfabetu padronizadu skrita di kriolu ta kontinuá ta ser disregradu, segundu dizeju di kada un, pamó standardizasan di un alfabetu é un grandi pasu pa standardizasan di un skrita. Sé uzu kumá lingua di ensinu na skola ta kontinuá ta sperá. Inkuantu ta speradu pa governu disidi sobri skrita di kriolu na Kabu Verdi na Mérka, partikularmenti na skólas públiku di Boston y tudu menbrus di CCI ta usa ALUPEK pa is skrebé kriolu.

Kriolu kumá lingua di ensinu é un fáketu ki ta kontinuá ta sperá kada vés mas pamó kriolu é ka ofisializadu. Sen es statutu kriolu ka ta sirbí di lingua di ensinu, pamó é ka debé ser utilizadu nun ambienti formal di kumanikasan moda skola. Mesmu asin kriolu é txeu valorizadu, pamó skritorzi utilizá-l pa skrebé obras, dja fazedu studus a sé respétu, el ta utilizadu pa diputadus na parlamentu, el ten prezensa na institutus di formasan, el ta usadu nalguns igréja, na adiministrasan públiku, ets. Mas kumó inda é ka ofisializadu el ta kontinua fora di kis prinsipal mumentus y spasus formal y até ta ser inxinadu na portugues simá ta kontisé na Institutu Supirior di Idukasan pur izenplu.

Stimulá skrita di kriolu ta izijí rekursu umanu y material. Rekursu umanu pamó é nisisáriu ten algen konpitenti pa inxina otus. É prisizu forma prufisorzi pa ki ensiná kriolu y ku kriolu podé surjé ifeitu. Stimulasan di skrita ta izijí tanbé un ensinu di kulidadi. Pa isu é fundamental ten material didátiku sufisienti moda manual, disionáriu y otus ki ta favoresé bon aprendizaji di skrita. Simá fradu skrita di kriolu ta ganhá maior konsisténsia ku ofisializasan di kriolu. Ntan kuzé ki sta speradu pa ofisializasan di kriolu? Simá nu sabé si speradu té ki ten un konsensu jeral pa ofisializasan di kriolu é ka ta kontisé nunca má, pamó ofisializasan di kriolu podé riuní un mínimu di konsensu, ma é ka ta konsigí riuní unanimidadi di vontadi públiku, pamó ten txeu pontus di dizakordu. Kuzé ntan ki sa speradu? Ten pesoas ki ta pensá ma ofisializasan di kriolu y sé konsikuenti uzu kumá lingua di ensinu ten a ver ku kistan

¹⁹ Idem.

finanséru. Ensiná kriolu ta izijí material didátiku y si Kabu Verdi ka ten dinhéru pa kunprá txeu livrus traduzidu na portugés kuantu más gó fabriká sis própi material didátiku pa inxiná kriolu. Otus ta kuloká kistan di natureza linguístiku, ou seja, kal ki é varianti ki debé ser ofisializadu. Simá nu sta odjá ten txeu aspetu ki mesté ser analizadu fundamenti antis di tomá un disizan tan inportanti kumó kel-li. Inkuantu ta speradu pa disizan pulítuku padronizasan di alfabetu di kriolu ta fiká ta sperá, ofisializasan di kriolu ta fiká ta sperá y skrebé na kriolu ta kontinuá ta ser aleatóriu.

Purtantu, é prisizu kriá kondisons pa ki skrita di kriolu ka fiká na es situasan ki sa ta arastá des di tenpu di Nhó Eugénio. É klaru ki tudu kuza ten sé dividu tenpu, nós país é pobri, ma simá Manuel Veiga fra *dexa pasa algun tenpu, sen fase nada, y dipós ben fla ma kondisons ka sta kriadu é un atitudi irusponsável, é un krimi kultural*²⁰. Ka nu inkrimina nós kabesa.

²⁰ Ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já se disse que o crioulo da Brava está inserido na variante de Santiago por ter mais semelhança com o crioulo falado na região de Sotavento do que com aquele falado na zona Norte. Apesar da proximidade entre as variantes de sotavento, muitas vezes registam-se casos que se pode denominar de “choques linguísticos”. Ouve-se por vezes expressões como esta: *Fogu ten minina bunita, ma só is abrí boca is ta stragá tudu*. Numa análise mais a fundo vê-se que a questão aqui prende-se com a língua. Exalta-se a qualidade feminina, mas ao mesmo tempo deprecia-se a língua utilizada – a variante do Fogo. Casos semelhantes acontecem entre pessoas da Brava e do Fogo, entre as do Fogo e as de Santiago, etc. Isso faz com que muitas vezes as pessoas se sintam obrigadas a fazerem uma acomodação linguística em certas circunstâncias.

O aspecto acima referido tem por base a diversidade do crioulo de Cabo Verde. Numa linguagem figurativa pode-se dizer que as variantes do crioulo de Cabo Verde são filhos do mesmo pai, mas como filhos cada um tem as suas características próprias. Considera-se que do ponto de vista linguístico essas variedades contribuem para uma riqueza linguística, pois permite ver a língua em suas diferentes facetas. Não fosse assim, o trabalho que ora se dá por terminado, deixaria de existir. Debruçar-se sobre um tema de carácter linguístico, neste caso concreto o crioulo da Brava, tem sempre as suas dificuldades ainda mais quando o objecto em estudo é pouco explorado. Quando isso acontece, muitas são as dificuldades com que se depara no desenrolar do trabalho. Mas crê-se que as dificuldades não constituíram empecilhos para a consecução dum projecto deste género, mas sim um estímulo, pelo que, mediante o estudo realizado, foi possível tirar ilações que correspondem ao assunto em questão.

O presente trabalho aborda o crioulo da Brava dando ênfase a três assuntos principais: O crioulo em Eugénio Tavares, os americanismos no crioulo da Brava e uma reflexão sobre a escrita do crioulo, títulos dos capítulos III, IV e V respectivamente. Para a abordagem dum tema como o crioulo da Brava achou-se necessário conjugá-lo com uma figura popular da ilha e que soube valorizá-lo mediante a sua pena. Pois Eugénio Tavares deu merecida honra à sua língua, coloncando-a num pedestal que equipara com qualquer outra língua do mundo ao fazê-lo instrumento da sua escrita literária. É sobre essa actividade escrita de Eugénio que se incidiu.

O breve estudo sobre os textos em crioulo (LCV) de Eugénio Tavares permitiu chegar à conclusão de que a sua escrita é de base etimológica. Esse modelo de escrita tem por base a relação que teve com a língua portuguesa, pois que esta constitui a matriz do crioulo de Cabo Verde, e em particular do da Brava. Esse modelo de escrita torna-se evidente quando se analisam a grafia, a colocação dos acentos, os pronomes, entre outros. Na análise que se fez dos textos em crioulo (LCV) de Tavares constatou-se que a sua grafia é aleatória, pois ele escreve à sua própria maneira pelo facto de não dispor dum modelo de escrita padrão. No que tange à acentuação constata-se que Eugénio, para além de marcar a sílaba tónica, utiliza o acento sobretudo para assinalar a abertura vocálica das palavras. Isso faz com que por vezes haja certas discrepâncias entre a forma de acentuação de Tavares e as regras prescritas pelo ALUPEC. No que concerne à representação dos pronomes verifica-se que há uma aleatoriedade na sua colocação, sobretudo quando se trata da primeira pessoa do singular e essas representações dos pronomes, muitas vezes aglutinadas, feitas por Tavares não se coadunam com as regras estipuladas pelo ALUPEC, pois este prescreve que os pronomes devem ser justapostos. Esse desencontro entre a escrita de Tavares e o ALUPEC surge pelo facto deste se reger pelo princípio da biunivocidade (fonema-grafema) e aquele tem como base a escrita etimológica. Este modelo permite que haja uma aleatoriedade na escrita, o que aponta para aquilo que Jean Doneux denomina de “*régle de réécriture*” inútil na aprendizagem do crioulo (Colóquio do Mindelo: 107).

O crioulo da Brava apresenta as suas especificidades próprias, que o distinguem das outras variantes. Essas particularidades manifestam-se sobretudo ao nível fonológico, mas é importante salientar que a sua parte lexical, assunto sobre o qual se discorre no IV capítulo, apresenta também as suas peculiaridades. O léxico do crioulo da Brava é constituído por termos provenientes do inglês americano que ao entrarem no sistema da *língua-alvo* (cf. O Dicionário de Termos Linguísticos: *a língua-alvo é aquela para a qual se traduz*) foram adaptados e integrados nesse sistema. Verifica-se que na origem da transformação das palavras do inglês americano para o crioulo da Brava estiveram determinados processos fonéticos e morfológicos, como por exemplo, o processo de sonorização, os processos de síncope, epêntese, paragoge, entre outros; nota-se que o grande princípio linguístico inerente às transformações tem a ver com a regularização morfofonológica das palavras, pois o que acontece é uma regularização tanto fonológica quanto morfológica no processo de integração das palavras no crioulo da Brava.

Mediante o estudo do léxico bravense proveniente do inglês americano é possível esquadriñar um pouco da história da ilha Brava, pois entende-se que o factor primordial que contribuiu para a entrada de tais termos no crioulo da Brava é a emigração. A existência de tais termos é resultante do contacto do homem bravense com a língua americana por via da emigração. Este factor faz com que surjam novas entradas lexicais, pois a língua evolui com o tempo. Constata-se ainda que as entradas acontecem, sobretudo, por meio daqueles que foram ou são emigrantes e são mais utilizados por estes, mas pouco a pouco vai fazendo parte do vocabulário daqueles que nunca emigraram para os E.U.A.

Como em todas as restantes ilhas de Cabo Verde, na Brava o crioulo constitui a língua do dia-a-dia e é através dele que o homem bravense comunica com o seu interlocutor, salvo alguns momentos formais de comunicação em que o uso do português é indispensável. Essa naturalidade com que os bravenses falam o crioulo, pois é língua materna, não é sentida quando confrontados com situações em que a escrita do crioulo faz-se necessário. Na aplicação do questionário, pediu-se a vinte informantes que escrevessem em crioulo. Catorze informantes escreveram e seis optaram por deixar o espaço em branco, deixando presupor a dificuldade ou a resistência em escrever em crioulo. Os informantes que escreveram fizeram-no com base na escrita etimológica. Todos os informantes, com a excepção de quatro, manifestaram o conhecimento do ALUPEC (tratando-se de estudantes do IP e do ISE), mas mesmo assim escreveram com base na escrita etimológica. O estudo feito revelou que a escrita do crioulo é feita *à moda* de Eugénio Tavares, ou seja, revela uma escrita de carácter etimológica, tomando a língua portuguesa como referência. Deste modo pode-se concluir que na Brava a situação linguística aponta para a existência de dois códigos linguísticos: um código para estabelecer a comunicação oral em situações informais de comunicação, neste caso o crioulo, e um outro código que serve para estabelecer a comunicação escrita, tanto em situações formais e informais de comunicação. Deste ponto de vista o que se verifica é que, na comunicação escrita, seja de que natureza for, há uma primazia da língua portuguesa em relação ao crioulo bravense.

Outro aspecto verificado e que desencadeia o facto já referido, prende-se com o facto de não haver um alfabeto padronizado para a escrita do crioulo. Este aspecto leva a que a escrita do crioulo se realizasse menos, pois a ninguém se ensina a escrever o crioulo, e quando as pessoas ousam escrevê-lo fazem-no de uma forma muito diversificada. Por isso, a padronização dum alfabeto para a escrita do crioulo e a oficialização do mesmo são factos

determinantes para a estimulação da escrita do crioulo, pois deste modo o crioulo passa a ser ensinado e a servir como língua de ensino, permitindo a aprendizagem de sua escrita.

Durante a tradução dos textos de Eugénio Tavares constatou-se que o ALUPEC constitui um excelente instrumento para a escrita do crioulo, pois é um alfabeto que assenta sobre o princípio da biunivocidade linguística, ou seja, cada fonema corresponde a um único grafema. Este princípio revela ser muito económico e sistemático e traz enormes vantagens para a escrita do crioulo. Portanto, a padronização dum modelo de alfabeto, como seja o ALUPEC, pode trazer destrezas para a escrita do crioulo, neste caso o da Brava, pois pensa-se que o ALUPEC constitui um bom modelo para isso.

As ilações tiradas sobre o crioulo da Brava constituem linhas para outras reflexões a respeito do mesmo e numa forma geral sobre o crioulo de Cabo Verde. Longe de nós o pensamento de que este trabalho esgota as diferentes facetas do assunto em questão. Espera-se que este imperfeito trabalho possa ser uma achega como o próprio título indica.

BIBLIOGRAFIA**Livros:**

- ALMADA, Maria D. O. (1961). **Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago**. Lisboa. Ed. Junta de Investigações do Ultramar. 1961.
- BRUSER, M. e SANTOS, A. Dos R. (2002). **Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Gottingen. Hubert e Co.. 2002.
- CARREIRA, António. (1982). **O Crioulo de Cabo Verde – Surto e expansão**. Lisboa. Gráfica EUROPAM. 1982.
- COSTE D., GALLISSON R. (1983). **Dicionário de Didácticas das Línguas**. Coimbra. Livraria Almedina. 1983.
- Academia das Ciências da Linguagem. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Lisboa. Verbo. 2001.
- DUARTE, Dulce. Vd. ALMADA, MariaDulce O.
- DUCROT, Oswald. TODOROV, Tezvetan. (1991). **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa. Publicações Dom Quixote.1991.
- FROMKIN, Victoria. e RODMAN, Robert. (1993). **Introdução à Linguagem**. Coimbra. Edição Livraria Almedina. 1993.
- GLEASON, Jr. H.A. **Introdução à Linguística Descritiva**. Lisboa. 2ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian. 1985.
- MATEUS, Maria. H. e XAVIER, Maria. F. (1992). **Dicionário de Termos Linguísticos**. Lisboa. Cosmos. 1992.
- MORAIS, A. **Dicionário de Inglês-Português**. Porto. Porto Editora. 1994.
- BARBOSA, Jorge. M. (1994) **Introdução ao Estudo da Fonologia e da Morfologia do Português**. Coimbra. Edição Almedina. 1994.
- MOSER, Gerald. M. (1993). **Almanach de Lembranças 1854-1932**. Lisboa. Edição ALAC. 1993.
- SILVA, Baltasar. L.da. (1957). **O Dialecto Crioulo de Cabo Verde**. Lisboa. Edição Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984.
- TAVARES, Eugénio. (1931). **Mornas Cantigas Crioulas**. Lisboa. J. Rodrigues e C^a. 1931.

VEIGA, Manuel. (1995). **Introdução à Gramática do Crioulo**. Mindelo. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, Instituto Nacional da Cultura. 1996.

VILELA, Mário. (1994). **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra. Almedina. 1994.

Artigos em livros e jornais:

ALBUQUERQUE, Luís. de. *O Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde*. In **História Geral de Cabo Verde**. 1988. Vol I. Lisboa. Edição Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. 2001.

AMARAL, Ilídio. do. *Cabo Verde: Introdução Geográfica*. In **História Geral de Cabo Verde**. 1988. Vol I. Lisboa. Edição Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. 2001.

BALENO, Ilídio. C. *Povoamento e Formação da Sociedade*. In **História Geral de Cabo Verde**. 1988. Vol I. Lisboa. Edição Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. 2001.

BARBOSA, Jorge. *Eugénio Tavares (Tópicos de uma monografia)*. In: **Artiletra**. Nºs 34/35. Junho/Julho 2000.

DONEUX, Jean. *A propósito do papel dos linguistas...E dos outros na determinação da escrita duma língua*. In: **Colóquio do Mindelo**. Edição do Ministério da Educação. Praia. 1979.

LOPES, Manuel. *Parêntesis*. In: **Artiletra**. Nºs 34/35. Junho / Julho 2000.

MARQUILHAS, Rita. *Mudança Linguística*. In: **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa. Editorial Caminho SA. 1996.

MEINTEL, Deirdre. *The Creole Dialect of the Island of Brava*. In **Miscelânea Luso-Africana**. Lisboa. Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 1975.

MONTEIRO, Félix. *Notas biográficos de Eugénio Tavares*. In: **Artiletra**. Nºs 34/35. Junho/Julho 2000.)

PEREIRA, Dulce. *O Crioulo de Cabo Verde*. In: **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa. Editorial Caminho SA. 1996.

SILVA, Francisco. L. *In Memoriam de Eugénio Tavares*. In: **Artiletra**. Nºs 34/35. Junho/Julho 2000.

VEIGA, Manuel. *As Lições do Poeta da Crioulidade*. In: **Artiletra**. N°s 34/35. Junho/Julho 2000.

VEIGA, Manuel. *Instrumentalização do crioulo*. In: **O Colóquio do Mindelo**. Edição do Ministério da Educação. Praia. 1979.

Outras fontes:

I SÉRIE – N° 48 – SUP «B. O.» DA REPÚBLICA DE CABO VERDE – 31 DE DEZEMBRO DE 1998.

Língua, Kultura y Identidadi por Manuel Veiga. In: **Mesa Redonda sobre Identidade Kultural**. Praia 10-15/06/1985. (compilação realizado pelo Arquivo Histórico).

Valorizason di Kriolu na Pós-Indipendência pa Manuel Veiga In: “**Fórum sobre a Valorização da Língua Caboverdiana**”. Julho de 2002. (Fotocópia dada durante a realização da mesa redonda).

Manual de Fonologia e Morfologia do Português elaborado por Dra. Maria de Lourdes Lima, 2002.

Jornal *O Manduco* Ano I, n° 11, Janeiro de 1924. (Fotocópia cedida pelo Arquivo Histórico)

(<http://www.eugeniotavares.org>)

ANEXOS

Quadro 1

Palavras crioulas	Étimo inglês (EUA)
<i>Betiféti</i>	<i>New Bedford</i>
<i>Nu ióka</i>	<i>New York</i>
<i>Brokitin</i>	<i>Brockton</i>
<i>Patakéti</i>	<i>Pawtucket</i>
<i>Dróma</i>	<i>Oildrum</i>
<i>Txekapu</i>	<i>Check up</i>
<i>Fatré</i>	<i>Factory</i>
<i>Mixinhu</i>	<i>Machine</i>
<i>Xóua</i>	<i>Sure</i>
<i>Xórensu</i>	<i>Insurance</i>
<i>Stóua</i>	<i>Store</i>
<i>Sinó</i>	<i>Snow</i>
<i>Saidóka</i>	<i>Side walk</i>
<i>Tróka</i>	<i>Truck</i>
<i>Tivi</i>	<i>TV</i>
<i>Lóka</i>	<i>Lock</i>
<i>Londré</i>	<i>Launder</i>
<i>Batirrumu</i>	<i>Bathroom</i>
<i>Toléti</i>	<i>Toilet</i>
<i>Bata</i>	<i>Bath</i>
<i>Bega</i>	<i>Bag</i>
<i>Nafu</i>	<i>Enough</i>
<i>Santaimi</i>	<i>Some time</i>
<i>Badi</i>	<i>Bad</i>
<i>Stil</i>	<i>Still</i>
<i>Raiti</i>	<i>Ride</i>
<i>Ringi</i>	<i>Ring</i>
<i>Meibi</i>	<i>Maybe</i>

<i>Tafu</i>	<i>Tough</i>
<i>Bigi</i>	<i>Big</i>
<i>Macrueivi</i>	<i>Microwave</i>
<i>Frijidéra</i>	<i>Refrigerator</i>
<i>Kéki</i>	<i>Cake</i>
<i>Iá</i>	<i>Yeah</i>
<i>O iá</i>	<i>Oh yeah</i>
<i>Renki</i>	<i>Rank</i>
<i>Txapa / txapa-txapa</i>	<i>Chop</i>
<i>Txapu-txapu</i>	<i>Chop-chop</i>
<i>Zipi</i>	<i>Zip/zipper</i>
<i>Troba</i>	<i>Trouble</i>
<i>Fain</i>	<i>Fine</i>
<i>Bisnis</i>	<i>Business</i>
<i>Stopi</i>	<i>Stop</i>
<i>Strapu</i>	<i>Strap</i>

Tradução dos textos de Eugénio Tavares para o ALUPEC

A seguir passa-se a apresentar as duas versões: a versão segundo o autor Eugénio Tavares (apresentada à esquerda) e a versão segundo o ALUPEC (apresentada à direita).

Quadro 2

Versão de Eugénio Tavares (Escrita etimológica)	Versão segundo o Alupec
FORÇA DE CRECHEU Ca tem nada na es bida Mas grande que amor. Se Deus ca tem medida, Amor inda é maior... Amor inda e maior, Maior que mar, que ceu:	FORSA DI KRETXEU Ka ten nada na es bida Mas grandi ki amor. Si Deus ka ten midida, Amor inda é maior... Amor inda é maior, Maior ki mar, ki seu:

<p>Mas, entre otos crecheu, De meu inda é maior.</p> <p>Crecheu más sabe, É quel que é de meu. El é que é chabe Que abrim nha céu... Crecheu mas sabe É quel Que q'rem... Se já'n perdel, Morte ja bem...</p> <p>Ó força de checheu, Abri 'n nha asa em flor! Dixa 'n alcança céu Pa'n bá ojà Nós Senhor, Pa'n bá pedil semente De amor cuma es de meu, Pa'n bem da todo gente, Pâ todo conché ceu!</p> <p>MAL D'AMOR</p> <p>Note ficha, mi so na caminho, Mi so co Deus, ma co nha desgraça. Lua na céu ja negam sê graça; Jam perdê fé de alcança nha ninho!</p> <p>Oh mal de amor, Ja bo matam! Oh! mal de amor, Ja bo dixam. Mi so nes dor, Dor de ca tem Alguém que q'rem, Ai!</p>	<p>Mas, entri otus kretxeu, Di meu inda é maior.</p> <p>Kretxeu mas sabi, É kel ki é di meu. El é ke é txabi Ki abri-m nha Seu... Kretxeu mas sabi É kel Ki kre-m... Si dja N perde-l, Morti dja ben...</p> <p>O forsa di kretxeu, Abri-m nha aza en flor! Dixa-m alkansá seu Pa N ba odjá Nos Senhor, Pa N ba pedi-l simenti Di amor kuma es di meu, Pa N ben da tudu djenti, Pa tudu konxé seu!</p> <p>MAL DI AMOR</p> <p>Noti fitxá, mi só na kaminhu, Mi só ku Deus, ma ku nha disgrasa. Lua na seu dja nega-m sé grasa; Dja N perdé fé di alkansá nha ninhu!</p> <p>O Mal di amor, Dja bu mata-m! O! Mal di amor, Dja bu dixam. Mi só na es dor, Dor di ka ten Algen ki kre-m, Ai!</p>
--	--

<p>Oh mal de amor!</p> <p>Oh bom de Deus que chigâ na mi, Pega'n na mon bo leba'n co geto... Leba'n co geto, pa'n ca caí, Ca bo maguam frida de nha peto...</p> <p>Câ bo raza'n, ca bo da'n doutor, É ca botica que tâ cura'n: Es mal de amor que sa ta mata'n, Sê cura é morte, ou igual amor...</p> <p>MORNA DE AGUADA</p> <p>Se é pam vive na es mal De ca tem Quem que q'rem, Ma'n q're morré sem luz Na nha cruz, Na es dor De dê nha bida Na martírio de amor!</p> <p>Amá, se é pam morré, Pam dixâ, Ai, quem que'n q're, (Pa oto gente bem q're) Ma'n q're vive na es martírio!</p> <p>Se é pa es tristeza de q're Sem esperança, Sem fé, Ma'n q're destino de bai, De morré, De esquicê Num momento de amor, Um bida intero de dor!</p>	<p>O mal di amor!</p> <p>O bon di Deus ki txigá na mi, Pega-m na mon bu leba-m ku djetu... Leba-m ku djetu, pa N ka kaí, Ka bu magua-m frida di nha petu...</p> <p>Ka bu raza-m, ka bu da-m dotor, É ka butika ki ta cura-m: Es mal di amor ki sa ta mata-m, Sé cura é morti, ou igual amor...</p> <p>MORNA DE AGUADA</p> <p>Se é pa N vivé na es mal Di ka ten Ken ki kre-m, Ma N kré morré sen lus Na nha krus, Na es dor Di da nha bida Na martíriu di amor!</p> <p>Amá, sé é pa N morré, Pa N dixá, Ai, ken ki N Kré, (Pa otu djenti ben kré) Ma N kré vivé na es martíriu!</p> <p>Sé é pa es tristeza di kré Sen speransa, Sen fé, Ma N kré distinu di bai, Di morré, Di skisé Nun mumentu di amor, Un bida interu di dor!</p>
--	--

QUE IMPORTA'N LÂ?

Se é pa'n perdê es luz de amor,
Es graça, es ar de quem que'n q'ré,
Ma'n q'ré curtí ses otos dor:
Perde nha luz, perde nha fé.

'N ca pedi: Nhor Des que dâ:
Quem que al nega graça de ceu?
Se Deus da'n el, el é de meu;
Se el é de meu, nha xa'n cantâ!

Se é pa'n ganha Reno de ceu
Que ta salba'n alma de mal,
Na'n q'ré vivê co nha crecheu,
Pa el ca engana'n, pa'n ca enganal...

Que impota'n lâ que mundo flâ,
Se el ja el q're'n, se mi já'n q'rel?
Se'n perdê Deus, 'n ca perdel
Que importa'n lâ? Que importa'n lâ?

Se é pa da'n luz, se é pa da'n paz,
Sê pa da'n oro, ou pa da'n prata,
Ma'n q'ré casâ co nha Ingrata,
Ma'n q'ré dormi na sê ragaz...

MORNA DE DESPEDIDA

Hora de bai,
Hora de dor,
Já'n q'ré
Pa el ca manche!
De cada bêz
Que'n ta lembra!
Ma'n q'ré
Ficâ 'n morré!
Hora de bai,
Hora de dor!

KI INPORTA-M LA?

Si é pa N perdé es lus di amor,
Es grasa, es ar di ken ki N kré,
Ma N kré kurtí ses otus dor:
Perdé nha lus, perdé nha fé.

N ka pidí: Nhor Des ki da:
Ken ki al negá grasa di seu?
Si Deus da-m el, el é di meu;
Si el é di meu, nha xa-m kantá!

Si é pa-m ganhá Renu di seu
Ki ta salba-m alma di mal,
Na N kré vivé ku nha kretxeu,
Pa el ka engana-m, pa N ka engana-l...

Ki inporta-m la ki mundu fla,
Si el dja el kré-m, si mi dja-m kre-l
Si N perdé Deus, N ka perdé-l
Ki inporta-m la? Ki inporta-m la?

Si é pa da-m oru, ou pa da-m prata,
Si é pa da-m lus, si é pa da-m pás,
Ma N kré cazá ku nha Ingrata,
Ma N kré durmí na sé ragas...

MORNA DI DISPIDIDA

Ora di bai,
Ora di dor,
Dja N kré
Pa el ka manxé!
Di kada bes
Ki N ta lenbra!
Ma N kré
Fiká N morré!
Ora di bai,
Ora di dor!

<p>Amor, Dixa'n chora! Corpo catibo, Bá bo que é escrabo! Ó alma bibo, Quem que al lebabo?</p> <p>Se bem é doce, Bai é maguado; Mas, se ca bado, Ca ta birado! Se no morrê Na despedida, Nhor Des na volta Ta dano bida.</p> <p>Dixam chora Destino de home: Es dor Que ca tem nome: Dor de crecheu, Dor de sodade De alguém Que'n q'ré, que q'rem...</p> <p>Dixam chorâ Destino de home, Oh Dor Que ca tem nome! Sofri na vista Se tem certeza, Morrê na ausência, Na bo tristeza!</p>	<p>Amor, Dixa-m Txorá! Korpu Katibu, Ba bó ki é skrabu! O alma bibu, Ken ki al leba-bu?</p> <p>Si ben é dosi, Bai é maguadu; Mas, si ka badu, Ka ta biradu! Si nu morré Na dispidida, Nhor Des na volta Ta da-nu bida.</p> <p>Dixa-m txorá Distinu di omi: Es dor Ki ka ten nomi: Dor di kretxeu, Dor di sodadi Di algen Kin kré, ki kré-m...</p> <p>Dixa-m txorá Distinu di omi, O Dor Ki ka ten nomi! Sufri na vista Si ten serteza, Morré na auzénsia, Na bu tristeza!</p>
---	---

Corpora

Estratos de uma gravação.

Informante nº 1

F1 – O! La gó...bu sa, izi na Merka is ka ta konxé kaza, ma té ki txigé na kel Natal is ta pará un dos o tres dia o kuantu. A bes is ta fazé gó kel festa. Ma djenti na Merka kaza é fatré. E sin, agó is ta fazé kel festa gó, ma nin kumá bedju ka sta ma, bedju éra sabi. (...) ...npó odjá nos dentu kel zona la ki nu ta morá di Pataketi so fatré ki ten pra la fitxadu se-l abrí ka ten mundu pa trabadjá, ma spia-l gó, otu dja birá skangadja. Pamodi táxi é karu, trabadju undé ki ten es ka ta xa ben...eee sin. Un trabadju, mas trabadju ki ta tenha na Merka ki ta andaba pa tu kis fatré éra Nuioka.

(...)

Minizu fikaba riba di kel kutelu, imajiná gó, is so. Kazinha éra kobertu ku droma bentu karaga ku xalera ku tudu, nunca ma nu ka odjá kis droma. Bon, ntan, kazona minizu pó korda na kumera di kaza na kel flor is puxa-l pa dentu té ki kai riba dezi is fiká baxu di kel padja.

(...)

Eee...é fa-m: kuandu kin kabá tomá kel, ke pa N go torá ba fazé un txekapu, pamó N ka podé tomá kel forti tudu tenpu. N ka bai gó, N ka bai, ma N txomá Naninha, N papiá ku Naninha, Naninha bai ba papiá ku el, é fa Naninha: sin sta xou...pamó el fa-m, el fa-m: esti ke ramedí pa el, fa: ma é karu! Kel éra oitu mil ixkudu kel un pakutihu. Bon ma min fra-l kin nportá é nha saudi.

(...)

N sintí kel durinhu, el fika-m, odjá, na tudu fidju kin ten N ba tu partera di mundu, un ta fra é madri, kelotu ta fra é bentu, kelotu ta fra é es é kelotu, bo bu ka sabé na kalé. N ba Merka konsulta-l, N fazé, N meté na mixinhu, fazé xapa, fazé es fazé kelotu, nada. Ma bu sabé inda kuluna saba inda...é na karaga algun kuza limé, na fin kel ben dismendá gó, bu sa ntende, é sin.

(...)

Merka nu tené ideia pa mes di Abril, ma inda nu ka sta xoua. Si ka ten mutu friu, ki friu pasá sedu nu ta ba. Nu benha ku pasaja pagu pa nu baba ligóra dizaseizi di Nobenbru pa nu staba na Merka, ma N fra-zi mi N ka sta bai. Pa N ba tomá kel friu ku nha osu podri ki N tené, pa nada di mundu.

(...)

Si nu moré li é midjor di ki la, pamó la é grandi prubulema pamó nu ka ten xorensu, Merka é grandi prubulema. Merka bu ta pagá karu pa morti. Bu ntendé, ma li bu ta pagá baratinhu.

(...)

Minizu ta fra: tó kis mamai, konpó pamó nu sa ba panha-bu pa nu ba stoua. N ta fra mi N sa bistidu. Is ta fra: unau, bistí. É sin, ma Merka ka ten vaidadi, Merka tudu kuza é kel mé. As bes kriolu, si bu kontrá ku un kriolu ki podé sia-bu, ma ten txeu kriolu na Merka tanbé is ta sta moda djuda, is ta ben konpó lagó di Sal pra li. É si, pamó bu ka ten tempu.

(...)

É sin, tempu di sinó, kumó gosí pa riba ta ten kis karron di stadu ku kis bon xofer ku kezi karru ki ten kel kuza ki ta raspá kel sinó, ta raspá ta fiká linpinhu ken ki é moradu na bera di kaminhu ki saidoka fiká, kumá is ta fra saidoka, kumá nu ta fra paseiu li, donu ta sintá is ta linpá tudu, undé ki é di stadu stadu ta linpá, tudu mas dritinhu kuza ki ten, pamó si bu kaí tanbé bu ta suazi kis ta kokó bosta, é sin, o iá.

(...)

Inda na Merka kis karru ki ta korré li ki é moda sés karrinhu ki is ta karregá djenti kumá di Pepé kuezí ki é moda ki troka, alá na kis karru algen ka ta andá. Djenti andá é só na karru fitxadu ó ntan é pa dianti. Si el ta kebé dos é dos si el ta kebé kuantu é kuantu. Na kezi sió la bu ka ta andá, la is ka ta andá, djenti ka ta andá, pamó is ka ta dixá. O iá. (...)

F3 – Baté ntan é modi?

F1 – Baté gó é na londré. Bu ta baté na kaza si bu ten londré si bu ka ten ten londré di stadu.

F3 – Baté, seká la mé...

F1 – Drobá la mé.

F1 – Merka kenhá...dja uja kuazi tudu tené sé londré na kaza. Pamó na kaza é mas baratu. Basta bu ta kunpra-l, ma dja bu ta baté mas baratu gó, é si. Pamó alá tanbé kantu ki tudu kuza subí londré tanbé subí. Pamó bedju tenha londré ki bu ta poba un dola bu ta baté ma dja nau, dja kel di un dola dja birá dos o tres dola, é sin. Agó bu ta baté na kaza gó. Bu ta kunprá bu londré bu ligá na tornera. Ami N kunprá ligó na Fogu ma kes kuza ki nu trazé di Merka di batirrumu é sé tornera é ka kumó kelotu di se-l. Pamó kel di...kel tubu ki bu ta ligá agu, di pó na agu el el ten roskia, pamó el é di Portugal, N kunpra-l na Fogu lió kantu nu ta ben, dja kel di Merka ka ten roskia.

(...)

F1 – É ka pamó é ka sa fadigá. Mós, bu sabé, éra rapas el ben kazá, el fra-m el sa ta poi muzaiku ku zuleju ku kis kuza tu na txon el ta benha saudu, ma timó gó el ka ben, é sin. Ma timó é pa nu pasensia, nos ki ka sabe é pa nu pasensia, ó iá. Pamó botá agu é ka nada, agu el

ta bota-l na karker kuza. Bu podé liga-l na toleti, bu podé liga-l na bata, nun baldi, nun kuza sigó na ora di el tira-l, ma bu sabé kel gó ki é pa bu torniá na tornera pa kel agu, pa el tomá kel agu kel gó dja bu ten ki djobé.

(...)

Arrá, ezi is ta piská is ta pó sis pexi na arka ta dura-zi pa txeu tenpu. Is ta pegá skapu, blufixa, salaman is ta txomá blufixa la, tudu is ta pegá, ezi is tu ta piská. Té ki is ta ba is ta ba un trupida, só ezi ku ezi, ta ba omi ta ba mudjer.

F2 – N fra: pegá un trupida di pexi pa en da djenti gó.

F1 – Timó gó ka ta fazé nada. Ezi kumó is tené nafu pa is uzá is podé da djenti. Ka ta fazé nada. (...)

Djemi ligó na fin ki el ba pará uns kuartu mês pa kadia, ma santaimi é ka badi, pamó sigó kumó dja is bai is ta odjá kumó ki é kadia si é pa is fazé tortu gó is ta odjá kumó é ka sabi, é sin, é sin. Ma gó kumá el ta fra el ka fazeba, ma mi stil N ka ta karditá, pamó as bes...kolega as bes el ta fra kumó misinhu ki el da raiti kumó ezi...el é ka konxé. (...) ...só ki dja is sa ta kunprá kaza kuaji só pa londji. Kumá Bitinhu el el kunprá na Betiféti é londjon pa txigá undé ki nu ta morá; Djedjé é pra la tanbé ki el ta morá; Juan kunprá pa un parti mas londji, Kulinha dja ba kunprá djunta ku el, ezi é si is ta sta só tras gó di kunpanheru.

(...)

F1 – Fazé é mas karu inda?

F1 – O iá. Unau, a bes gó bu ta fazé un kaza é ka ta kusta-bu kel dinheru ki bu kunpra-l.

F3 – Ntan pamó ki algen ta kunprá?

F1 – Ma gó tanbé pa bu faze-l é dibagar, é sin. Pa fazé...bó bu ka ta fazé propi ku bu mon. Bó is ta leba-bu kel mudelu di kaza ki bu kré is ta fazé is ntrega-bu. Ma stil is ka sa ta pensá...xa-m fra...y dipos é pa bu ten txon. Txon, bu sabe, ...txon dja uji sa karu, é sin. Bitinhu gó undé ki el kunprá kaza, el el kunprá dos, un nun ladu kelotu na kelotu ladu, el ten txon grandí gó ki si otu familiada kré fazé...ma é londji tanbé is ka ta kré. É londji. (...)

F1 – Meibi é Xixi. É ka txomá inda. El el fiká di ba operaba kel non N ka sabé kumó ki el fiká. É sin, ma tumó tu ta bai.

F1 – O iá, é si. Merka é bon terra ku saudi ku pas, pa bó é trabadjador el ta da lukru, pamó tudu bes ki bu trabadja, abó nun mês bu ta rasebé kuartu bes, la ka ta gardadu dinheru di djenti nau; ala o tudu sesta, o tudu quarta, o tudu quinta, konformi ki bu fazé bu sumana bu ta rasebé. É si, la ka ta brinkadu, ma tanbé trabadju gó di Merka gó é ratxá mar bai, é trabadju ki aaa... krédu. É tafu ma gó...alá gó, xa-m fra, é midjor gó di ki nos terra.

QUESTIONÁRIO

Nome	Nominho	(Opcional)
Sexo: M <input type="checkbox"/>	F <input type="checkbox"/>	Idade
Morada	Nível de escolaridade	
Profissão		

1. Indique a língua dos pais: Português (P) Crioulo (C)
2. Que língua usa na família? Português Crioulo
3. Tem alguma publicação em crioulo?
4. Tem algum livro em Crioulo?
5. Recebe cartas?
.....
6. Em que línguas são escritas? Crioulo Português Ambas
7. Qual é a língua falada na escola? Durante as aulas Durante os intervalos
8. Se Cabo Verde pudesse escolher a sua própria língua qual das duas línguas escolheria?
.....
9. Que língua utiliza para escrever:
 - a) Uma carta
 - b) Um Convite
 - c) Escrever aos funcionários do governo
.....
 - d) Um sermão
 - e) Uma anotação qualquer
.....
 - f) Uma publicidade

- g) Tomar apontamentos
.....
- h) Diversos

10. Escreva um texto em Crioulo. (assunto a sua escolha)²¹.

Conhece o ALUPEC? Sim Não

12. Escrever em Crioulo é: Fácil Difícil

Obrigado.

²¹ Se o espaço for insuficiente usa o verso da página actual.